

**MARLY DE CASTRO CAMPOS COATI**

**O POÉTICO EM EMILIANO PERNETA:  
UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA  
DO DISCURSO SIMBÓLICO**

**Tese apresentada como requisito parcial  
à obtenção do título de Doutor. Curso  
de Pós-Graduação stricto sensu em  
Filosofia da Religião, do Instituto  
Superior de Educação e Pesquisa do Rio  
de Janeiro.**

**Orientador:**

**Prof. Dr. Tercílio Carlini Sobrinho**

Rio de Janeiro  
2002

**COATI**, Marly de Castro Campos.  
O Poético em Emiliano Pernetá: Uma  
Abordagem Semiótica do Discurso  
Simbólico  
Tese apresentada à Coordenação de Pós-  
Graduação e Pesquisa do ISEPERJ, no  
2º semestre de 2002.

BANCA EXAMINADORA

- (1) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- (2) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- (3) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- (4) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- (5) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

EXAMINADA A TESE

AVALIAÇÃO: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

ISEPERJ/Pós-Graduação

À minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Queremos manifestar nossa gratidão ao Prof. Dr. Tercílio Carlini Sobrinho, orientador desta tese, e a todos aqueles que nos auxiliaram de algum modo para que este trabalho fosse realizado.

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	01
2 - O POÉTICO.....	04
2.1- O Discurso Poético.....	04
3 - SEMIÓTICA POÉTICA.....	08
3.1 – Fontes.....	08
3.2 – Paradigmas.....	13
4 -EMILIANO PERNETA, POETA.....	15
4.1 – Apresentação.....	15
4.2 – Obra Poética.....	18
4.3 – Posição em Face da Literatura.....	23
5 – O UNIVERSO SEMIÓTICO DE EMILIANO PERNETA.....	28
5.1 – Os Símbolos.....	34
5.2 – O desenvolvimento dos símbolos.....	34
5.2.1 – A Natureza e suas Formas Simbólicas.....	36
5.2.2 – O Simbolismo Folclórico.....	44
5.2.3 – O Simbolismo Religioso.....	49
5.2.4 – Mito, Imagem e Símbolo.....	55
5.3 – A Peculiaridade do Simbolismo de Pernetá.....	69
6 – O POÉTICO EM EMILIANO PERNETA.....	70
6.1 – O Estilo Simbolista.....	70
6.2 – Os Títulos.....	76
6.3 – Temas – Do paganismo à Religiosidade.....	80
6.4 – Aplicação do Simbolismo de Emiliano Pernetá n Estudo da Semiótica no Brasil.....	81
7 – CONCLUSÃO.....	83
8 – BIBLIOGRAFIA.....	84
8.1 – Fonte Primária.....	84
8.2 – Obras Gerais.....	85

## RESUMO

O Poético em Emiliano Pernetá: Uma Abordagem Semiótica do Discurso Simbólico é um trabalho de interpretação a partir do estabelecimento de relações entre signos para alcançar a tradução do código da poesia . Abrange os quatro livros de poemas publicados : Músicas, Ilusão, Pena de Talião e Setembro; estuda a dimensão simbólica da obra poética, o universo semiológico em que se insere, a cosmovisão do autor, seu fazer poético e sua originalidade. E conclui que Emiliano Pernetá interessa-se pelo ser humano, seus problemas, conflitos, hesitações; a busca do eterno humano. Da visão simbólica da natureza, do folclore, do mito e da a religião, chegou-se a singularidades da obra que repousam na pintura da natureza, pano de fundo para expressar a condição humana; na claridade representada pelo sol; na construção lingüística e na imagem poética carregada de valores culturais, onde o simbólico, o imaginário fundamentam e intensificam os ideais, as emoções, a vida em todas as manifestações. A obra de Emiliano Pernetá é atual, na sua dimensão simbólica, expressão lingüística e beleza artística.

## ABSTRACT

O Poético em Emiliano Perneteta: Uma Abordagem Semiótica do Discurso Simbólico(The Poetic in Emiliano Perneteta: A semiotic Approach of the Symbolic Discourse) is an interpretation work starting from the establishment of relationships among signs to reach the translation of the code of the poetry. It covers the four books of published poems: Músicas, Ilusão, Pena de Talião and Setembro; it studies the symbolic dimension of the poetic work, the semiological universe in which it is inserted, the author's world view, his way of making poetry and his originality. And it concludes that Emiliano Perneteta is interested by the human being, his/her problems, conflicts, hesitations; the eternal human's search. From the symbolic vision of nature, folklore, myth and religion we are arrived to the express the human condition; in the light represented by the sun; in the linguistic construction and in the poetic image loaded of cultural values, where the symbolic, the imaginary base and they intensify the ideals, the emotions, the life in all the manifestations. Emiliano Perneteta's work is up-to-date in its symbolic dimension, linguistical expression and artistic beauty.

## 1 - INTRODUÇÃO

No contexto da atualidade lingüístico-poética, este trabalho apresenta uma análise semiótica da obra de Emiliano David Pernetá.

**O Poético em Emiliano Pernetá: Uma Abordagem Semiótica do Discurso Simbólico** ultrapassa o mero levantamento de recursos expressivos, compreendendo elementos da estrutura lingüística, a temática e, ainda, a relação com outros domínios das ciências como a Filosofia, a Sociologia e a Religião, com o fim de apresentar o sistema semiótico que informa a cosmovisão do autor.

O poético é o aspecto que será evidenciado e estudado na totalidade dos pontos mais significativos. Procurar-se-á, dentro das possibilidades lingüísticas, mostrar a expressão da língua literária do autor, os reflexos de sua poesia, o foco de seu trabalho.

Como objetivo geral tem-se a leitura semiótica, o estabelecimento do meio de expressão lingüístico, a interpretação do discurso da poesia e a compreensão da situação cultural a que se refere. Como objetivos específicos, o destaque das implicações simbólicas nos universos de significação da obra, a análise da situação em que ocorrem e o resultado que apresentam no desenvolvimento da mensagem.

Trata-se de um estudo assentado em um critério indutivo, com *corpus*, levantamento de dados, relacionamento de obras, títulos, buscando, através de uma metodologia teórico – reflexiva, evidenciar a visão de mundo do autor, apontando suas tendências artísticas, sua temática, enfim, a originalidade de seu discurso poético.

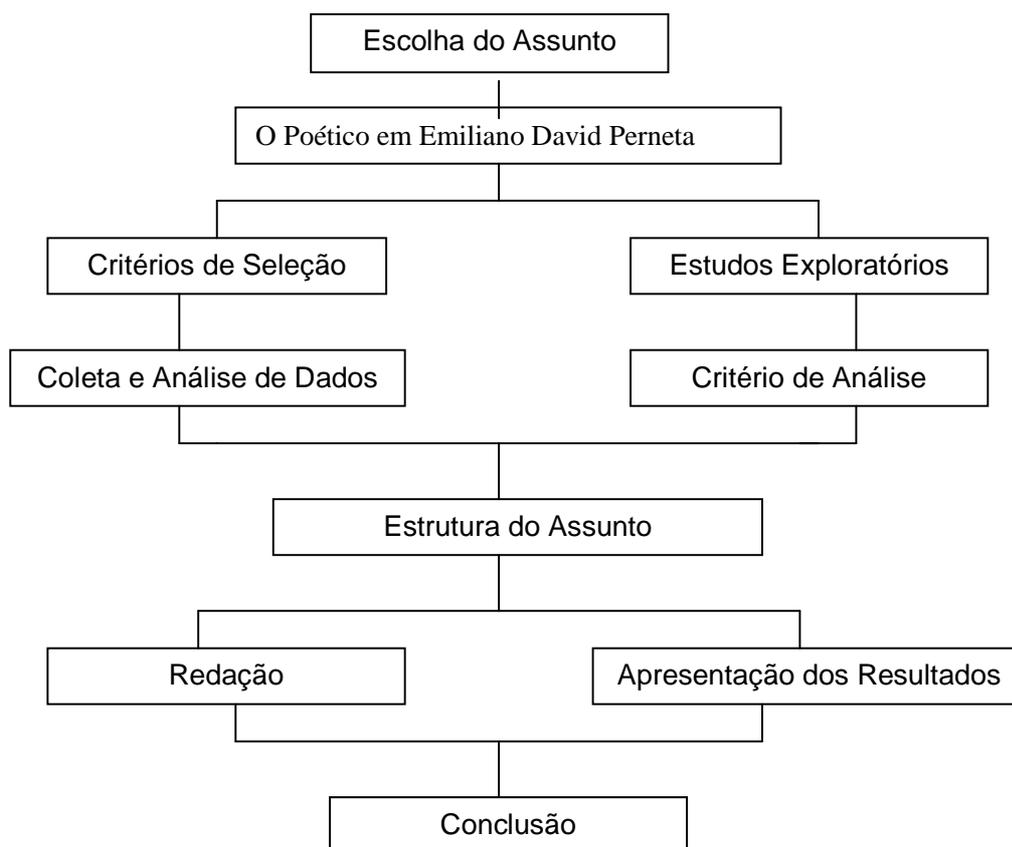
O trabalho parte de amostra do conjunto de fatos que serão submetidos à observação; é um estudo analítico, que se apóia em um *corpus* exaustivo e, sempre que exigir o embasamento teórico, em autores que estudam a poesia de Emiliano Pernetá. Limita o próprio objeto de estudo, circunscrevendo-se a aspectos relacionados à poesia, não sendo, pois, abordadas as obras de natureza não poética.

O *corpus* da pesquisa teve por base, portanto, os aspectos intra e extra-lingüísticos encontrados na obra poética de Emiliano Pernetá.

As obras estudadas foram:

- Músicas (1888), com 51 poemas; Ilusão (1911), com 102 poemas; Pena de Talião (1914), peça em três atos, (poema dramático) e Setembro (1934), com 31 poemas.

A pesquisa, portanto, dentro do universo citado, seguiu os seguintes passos:



Enfocando a obra de Emiliano Pernetá sob a perspectiva citada, é mister mostrar os efeitos de sua poesia sobre o leitor, em vários aspectos da língua inseridos na Filosofia da Linguagem e na Semiótica.

A ênfase na obra de Emiliano Pernetá está na atualidade, no modo de mostrar a construção simbólica do universo, a natureza, o homem e seus sonhos. É nesse campo semioticamente considerado que se insere esta pesquisa, compreendendo as dimensões simbólicas e a expressão plástica e inconfundível do artista.

Ficam destarte demonstrados os eixos metodológicos da pesquisa da seguinte forma: a) a análise do problema - o poético; b) a delimitação - a abordagem semiótica; c) a fundamentação filosófica a partir Aristóteles, Kant, Descartes, até o pensamento contemporâneo.

A obra poética de Emiliano Pernetá tem sua importância a partir das qualidades expressivas e estilo singular. A arte do poeta, sua forma de expressão, seu simbolismo, justificam o presente trabalho.

Acredita-se que este estudo represente uma contribuição à pesquisa literária, aos estudos semióticos e que possa reiterar a importância da obra do grande poeta paranaense, no contexto da Literatura Brasileira.

## 2 - O POÉTICO

### 2.1 - O Discurso Poético

Prólogo:

Estrelas que luzis na abóbada infinita,  
Inquietamente, assim, como um olhar que fascina  
Vendo-vos palpitar, meu coração palpita,  
Mordido de paixão por essa luz divina ...

Largos céus ideais, região diamantina,  
Mirífico esplendor, ó pérola exquisita,

Quanta cobiça vã, que nunca se imagina,  
Quanto furor enfim o ânimo me excita!

É o impossível, pois, que eu amo, unicamente,  
A névoa que fugiu, a forma evanescente,  
A sombra que se foi tal qual uma visão ...

E por isso também, por isso é que suponho  
Que a vida em suma, é um grande e estravagante sonho,  
E a beleza não é mais que uma ilusão!

(Emiliano Pernet, 1966, p. 31)

O poema acima abre o livro *Ilusão*, de Emiliano Pernet, define o título e expressa a filosofia que norteia toda a obra. O discurso poético do autor, o que resulta do trabalho de criação, é rico, observe-se no soneto, o número de metáforas e imagens criando uma atmosfera de sugestão e refletindo a nota pessoal de sua poesia.

Este trabalho discute o poético em Emiliano Pernet a partir do elemento lingüístico para alcançar o fazer poético do autor, a utilização de signos capazes de enriquecer os parâmetros estéticos da arte poética.

No poema, há uma proposta poética que caracteriza a poesia simbolista, onde o autor se preocupa em sugerir fatos, imagens, símbolos e o leitor se obriga a participar da leitura, decifrando suas incógnitas e apreendendo suas sugestões.

Diz Riffaterre<sup>1</sup>: “The literary phenomenon, however, is a dialectic between text and reader<sup>2</sup>”. Michael Riffaterre in “Semiotics of Poetry” mostra que a transferência semiótica de signo para signo ocorre na mente do leitor. O leitor vai construindo o significado dentro da rede de significação.

No estudo da poética de Emiliano Pernet é mister observar o que se entende por poética e qual a relação desta com a teoria dos signos.

Diz Emil Staiger: “A Poética esforça-se para provar como a essência do homem aparece nos domínios da criação poética”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Riffaterre, M. *Semiotics of poetry* - London: Methuen & Co. Ltd., 1980. p. 1.

<sup>2</sup> O fenômeno literário, contudo, é uma dialética entre o texto e o leitor.

<sup>3</sup> Staiger, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 197.

A palavra poética, de origem grega, *poiesis*, significa técnica e arte. A poética *lato sensu* propõe-se a compreender a unidade e a variedade de todas as obras literárias, sendo, pois, uma disciplina teórica capaz de definir o discurso literário.

Na acepção - O Poético em Emiliano Pernetá - entende-se o que está em sua poesia, na ordem da temática, da composição, do estilo. O objeto da poética aqui é o discurso do autor, inscrito no âmbito da Semiótica, isto é, de todos os sistemas significantes.

Toda a história da Poética fundamenta-se, sobretudo, no texto aristotélico (Poética, século IV, a.C). Aristóteles analisa a natureza da literatura de imaginação para provar o valor poético. Para ele, todas as modalidades de poesia envolvem a “*mimesis*”, que se traduz na imitação da vida e da sociedade.

Segundo Platão, o mundo do poeta seria a imitação de uma imitação da realidade, logo, a literatura de imaginação era falsa; enquanto para Aristóteles, o poeta seria capaz de alcançar uma realidade mais profunda, criaria um mundo melhor que o real.

Na antigüidade, a Poética englobava-se à Retórica, sem preocupação com a especificidade do discurso literário. A partir do século XVIII, surgem as teorias pragmáticas, doutrinas que se interessam pela relação obra - leitor; as teorias expressivas, do Romantismo, que colocam em evidência o autor e, as teorias objetivas, do Simbolismo, que descrevem a obra enquanto tal. Segundo essa classificação, pode-se considerar a teoria de Aristóteles como mimética e objetiva.

Desde o início do século XX, a Poética surge como disciplina autônoma. Essa evolução tem origem através do Formalismo (Rússia), da Escola Morfológica (Alemanha), do New Criticism (EUA e Inglaterra) e da Análise Estrutural (França).

O interesse moderno em termos de Poética conduz à indagação acerca do papel da Semiótica na linguagem poética, tendo em vista a significação social e estética da obra de arte literária.

O poema é formado de uma parte, que constitui o significado (pensamentos, sentimentos, emoções, filtrados pela mente humana) e outra, o significante - compreendendo aqui tudo aquilo que serve como instrumento de expressão (sons,

fonemas, rima, ritmo, palavras, verso, estrofe). Em um verdadeiro poema, a forma substancial, que caracteriza seu significado se manifesta no seu significante.

O soneto, por exemplo, um tipo poemático muito usado por Emiliano Pernetá, distingue-se pela sua forma substancial e pela sua forma fônica. A forma substancial do soneto é a dialeticidade, seu caráter dialético, pois um verdadeiro soneto apresenta uma argüição probatória à procura de uma conclusão.

O discurso poético de Emiliano Pernetá liga-se ao processo de significação abrangendo um significado lingüístico, simbólico e social. O estudo e fundamentação em termos de semiótica poética parte, portanto, das projeções nos planos da expressão e do conteúdo, da forma de expressão à substância de conteúdo. A forma de conteúdo é que vai mostrar o universo de significados. As formas lingüísticas constituirão a substância trabalhada pelo autor para criar um universo semiótico capaz de singularizar sua poética.

Na obra de Emiliano Pernetá prova-se que, ao trabalhar com a palavra, o autor através de arranjos léxicos, semânticos e estilísticos, explora o sentido conotativo dos vocábulos, usa uma linguagem simbólica de tal forma a evidenciar a essência humana, através de um discurso de natureza emotiva, intelectual e crítica.

### 3 - SEMIÓTICA POÉTICA

#### 3.1 - Fontes

A partir da obra poética de Emiliano Pernetá busca-se através de uma abordagem semiótica, o poético do ponto de vista inovador. Entendendo que o tema tratado encerra uma simbolização, procura-se associar o simbólico à Semiótica.

Algumas considerações preliminares se impõem a fim de esclarecer o paradigma semiótico empregado: situar o espaço da Semiótica poética dentro da Semiótica geral, e a semioticidade em relação à significação simbólica.

A Semiótica (Pierce) ou Semiologia (Saussure) é uma teoria geral dos signos, é o estudo dos sinais, dos símbolos. Com a obra do filósofo americano Charles Sanders Pierce (1839-1914) a Semiótica torna-se uma disciplina independente. Assim como Saussure, Pierce estabelece uma distinção entre “as qualidades materiais” (o significante do signo) e seu “interpretante imediato” (o significado). O “interpretante” é, *lato sensu*, o sentido do signo e *stricto sensu* a relação paradigmática entre um signo e outro. Para Pierce, a Semiótica equívale à Lógica. A originalidade da doutrina de Pierce está na definição e no processo de geração de signos - semiose.

Pierce chama Semiótica “a doutrina da natureza essencial e das variedades fundamentais de possível semiose”. E, entende por semiose “uma ação ou influência,

que consiste em, ou envolve, a cooperação de três sujeitos, o signo, o objeto e o interpretante, ...<sup>4</sup>.

Charles W. Morris, através de suas pesquisas, divulgou a obra de Peirce. Morris, um filósofo e biólogo, escreveu muito sobre signos e valores, fez uma abordagem behaviorista dos signos, relacionou signo - comportamento e mostrou como os signos podem ser vistos em termos semânticos, isto é, como os signos (sinais e símbolos) relacionam-se com as coisas<sup>5</sup>.

No fim do século XIX, Ferdinand de Saussure (1857-1913) desenvolve a Semiologia, a fim de elucidar os signos e as leis que os regem. Esse lingüista suíço concebe a Semiologia como “uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social”<sup>6</sup>.

Saussure deu à Lingüística geral um impulso decisivo ao introduzir uma concepção nova e fecunda sobre a língua; estudou a natureza do signo lingüístico de maneira rigorosa - signo é o que resulta da associação de um significante e um significado; o significante correspondendo de modo geral à imagem acústica, o significado ao conceito. O caráter fundamental do signo é o de ser arbitrário. Considerando a Lingüística como “uma parte dessa ciência geral” (Semiologia)<sup>7</sup> Saussure visava definir “o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos”.<sup>8</sup> Saussure foi precursor e inspirador da análise estrutural na linguagem; imaginava a Semiologia como uma ciência que examinasse a vida dos sinais ou símbolos no contexto social.

Outra fonte da semiótica moderna é a obra de Ernest Cassirer (1874-1945), filósofo alemão, da escola de Marburg. Na obra, A Filosofia das Formas Simbólicas<sup>9</sup>, Cassirer desenvolve uma análise filosófica do simbólico e uma fundamentação de todo o conhecimento baseado no símbolo. São princípios sustentados por Cassirer:

---

<sup>4</sup> Peirce, C.S. Escritos coligidos. Os Pensadores, XXXVII. São Paulo: Abril. 1974. p. 149-150.

<sup>5</sup> Morris, C. Signs, language and behavior. New York, Braziller, 1946. Significations and significance. Cambridge, Mit Press, 1964.

<sup>6</sup> Saussure, F. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 24.

<sup>7</sup> Id., p. 24.

<sup>8</sup> Ibid., p. 25.

<sup>9</sup> Philosophie der symbolischen formen (1923-1929, 3 vols.).

1. A importância da linguagem e a interação com a natureza. Para ele, a linguagem está ligada à mente humana e os seres humanos percebem o mundo através dos símbolos. A realidade é estruturada pela linguagem e por formas simbólicas. O homem tem contato com o meio ambiente através de um sistema simbólico, do qual, fazem parte as formas lingüísticas, símbolos míticos, ritos religiosos e sociais. O homem é um “animal symbolicum”.
2. Ao lado da linguagem verbal há uma série de outros sistemas (formas simbólicas) que formam o intelecto humano tais: o mito, a religião, a arte, a história, a ciência e a linguagem.

O mérito de Cassirer reside em mostrar como as formas simbólicas influenciam as pessoas, criando universos significativos.

Após a Segunda Guerra Mundial as artes e a literatura chamam a atenção de vários semiólogos. Sob a influência da cibernética e da teoria da informação, desenvolve-se a partir dos anos 60, uma intensa atividade semiótica, com o estudo dos círculos lingüísticos, como o de Viena (Marx Bense), entre outros. Na França, C. Lévi-Strauss, R. Barthes e A.J. Greimas levam a Semiologia, sobretudo, para o estudo das formas sociais e da linguagem literária.

Roland Barthes (1915-1980), ensaísta e semiólogo francês, concebe a Semiologia como a ciência que tem por objeto qualquer sistema de signos e, invertendo a formulação de Saussure, considera a Semiologia como uma parte da Lingüística. Barthes ajudou a desenvolver a semiótica das linguagens verbais; para ele as obras literárias derivam-se da linguagem geral dos símbolos.

Claude Lévi-Strauss (1908 - ) liga o seu nome ao método estruturalista na Etnologia, ao estudo da lógica dos mitos. Para ele, a característica principal do ser humano é o fato dele utilizar símbolos. Lévi-Strauss inclui a antropologia como uma das partes de uma ciência semiológica geral - insere o signo no interior da vida social. As teorias de Lévi-Strauss sobre a comunicação humana com a ajuda de símbolos são fontes de estudo tanto da Lingüística estrutural como da Semiótica.

Julia Kristeva (Bulgária, 1941), radicada na França, outro nome importante da Semiótica contemporânea. Para Kristeva, a Semiologia estuda os significados como sistemas significantes a partir de “fórmulas lógicas, matemáticas ou lingüísticas”. Ela propõe a semanálise e entende que o estudo da Semiologia se confunde com o das ideologias.<sup>10</sup>

Kristeva trouxe para a Literatura o conceito de intertextualidade, isto é, o relacionamento de um texto com outros textos capaz de criar uma cadeia significativa, permitindo outras leituras de um determinado texto. Para Kristeva, ideologema seria a função comum que prende uma estrutura textual (e.g., um romance) a outras estruturas (e.g., um discurso científico) num espaço intetextual; o texto, o objeto real da análise semiológica é, portanto, pensado na sociedade e no contexto histórico.

Os trabalhos de Algirdas Julien Greimas (1917-1992) abriram novos rumos à Semiótica contemporânea, sobretudo sua contribuição ao estudo da análise do discurso. Greimas<sup>11</sup>, como analisa Rector, “... viu a necessidade da compreensão do discurso por inteiro, de maneira a aprender a significação em sua globalidade. Ultrapassou, então, os limites da semântica, em particular da semântica estrutural, o que o levou à semiótica”.

Greimas vê a Semiótica como a teoria da significação, cujo objeto é o estudo dos sistemas semióticos e não dos signos (o signo está na estrutura superficial e precisa ser desestruturado para que se atinja a significação). Ele apresenta um método para analisar o significado do discurso literário. Greimas estudou e aplicou modelos de Hjelmslev, como os dois níveis no signo - forma e substância, combinados aos planos de expressão e conteúdo. Em “Semiótica do Discurso Científico - Da Modalidade”<sup>12</sup> Greimas estuda diversos tipos de discurso, onde a Literatura constitui um discurso autônomo, com características próprias.

Nos estudos semióticos recentes, tem-se evidenciado a relação de simbolização. O domínio do simbólico, estudado pela Sociologia, Psicologia, História das Religiões e outras ciências é também objeto da Semiótica.

---

<sup>10</sup> Kristeva, J. Introdução à semanálise. Op. cit., 1974, p. 56.

<sup>11</sup> Rector, M. Para ler Greimas. Op. cit., 1978, p. 16.

<sup>12</sup> Greimas, AJ. Semiótica do discurso científico - Da modalidade. São Paulo: Difel, 1979.

O símbolo, o simbólico e o imaginário foram estudados à luz das obras de Ernest Cassirer, Jacques Lacan, Gilbert Durand, Mircea Eliade, Claude Lévi-Strauss, Umberto Eco, entre outros.

No Brasil, vários estudos semióticos têm contribuído para o desenvolvimento da ciência Semiótica, como o trabalho dos professores Geraldo Matos Gomes dos Santos, Cidmar Teodoro Pais, Monica Rector, Lúcia Helena França Ferraz, Maria Lúcia Santaella Braga, Eduardo Portela, Anazildo Vasconcelos da Silva e outros, constituindo-se fontes importantes para o trabalho.

### 3.2 - Paradigmas

O presente trabalho visualiza a semiótica poética, o fato poético, a leitura, a organização e os universos significativos da obra de Emiliano Pernetá. Vai em busca

das idiosincrasias poéticas do autor para compreender a maneira peculiar como ele se expressa através da poesia, partindo da linguagem para resgatar os símbolos que a constituem.

O tema tratado encerra um processo de significação, uma semióse (segundo Pierce “a relação semiótica entre expressão e conteúdo”)<sup>13</sup> e o estudo do poético associa o semiótico ao simbólico, aludindo ao pensamento de Lacan, que associa o simbólico à Semiótica.

Jacques Lacan distingue, no campo da psicanálise o simbólico, juntamente com o imaginário e o real. Ele considera: “a existência de uma ordem simbólica estruturando a realidade inter-humana”.<sup>14</sup>

Com noção análoga, C. Lévi-Strauss<sup>15</sup> escreveu:

“... toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, em cuja primeira linha se situam a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião”.

A capacidade de simbolizar para o homem é instrumento de cultura. O símbolo (do grego *simballein*, reunir) etimologicamente significa pedaços ou partes afins que se encaixam a partir de uma semelhança significativa.

Na variedade das formas simbólicas, pode-se destacar: os símbolos lingüísticos, aqueles que caracterizam o ser humano como ser falante e literário; os símbolos imagéticos<sup>16</sup>, os que alimentam nossas esperanças, sonhos, aqueles ligados aos nossos mitos e ideologias (Paz, Amor, Felicidade, Igualdade); símbolos cerimoniais ou gestuais com seus valores culturais (comuns na Religião, no Direito, na Política) e os símbolos estéticos, expressão da arte da beleza, da sensibilidade e espiritualidade do ser humano.

O símbolo literário surge para representar um fato, uma situação, algo dentro do discurso. É um sinal que está no lugar de outro, do qual se tornou sinônimo. Este símbolo requer uma interpretação que só o ser humano é capaz.

---

<sup>13</sup> Pierce. Estudos coligidos. Op. cit., 1984, p. 149.

<sup>14</sup> Lacan, J. In Laplanche J. e Pontalis J.B. Vocabulaire de la Psychanalyse, Paris, 1967, p. 474.

<sup>15</sup> Idem, p. 475.

<sup>16</sup> Cf. Castoriadis, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; Durand, G. A Imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.

Este trabalho abrange o campo da arte, domínio da estética, portanto a semiótica da arte poética. A semiótica da arte poética estuda a criação literária, possui características próprias, como o caráter estético e o poético, liga-se à Ciência da Linguagem. A semiótica poética vai analisar os signos artísticos da linguagem literária do artista.

O campo semântico do símbolo está ligado ao autor estudado, a partir do *corpus* literário eleito, ou seja, o conjunto de textos poéticos que devem ser entendidos em toda sua dimensão literária. E é onde se faz necessário viver a experiência da poesia no contexto semiótico e universal.

#### 4 - EMILIANO PERNETA, POETA

##### 4.1 - Apresentação

Rousseau afirmava que “si c’est la raison que fait l’homme, c’est le sentiment qui le conduit”. O sentimento humaniza o ser humano e define os traços de sua personalidade. Pela razão e pelo sentimento, Emiliano David Pernetá demonstrou as verdadeiras dimensões de seus feitos ao deixar um conjunto de obras que até hoje conserva valor e interesse.

Emiliano David Pernetá nasceu no dia 03 de janeiro de 1866, no Sítio de Pinhais, hoje local do aeroporto Afonso Pena, Curitiba, Paraná. Filho de Francisco David Antunes (cristão-novo português<sup>17</sup>, dono de uma alfaiataria) e dona Cristina Maria dos Santos. O pai de Emiliano tinha o andar ligeiramente dançado e, por isso, o apelido de “pernetá”, que foi passado aos descendentes, sob a forma de sobrenome.

O poeta de *Ilusões* estudou em Curitiba, onde fez os preparatórios. Segue em 1885 para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde se forma em 1889, sendo o orador da turma. Escreve e profere discursos de propaganda abolicionista e republicana.

Emiliano possuía um quarto, na rua da Glória (São Paulo), que ficou famoso com o nome de “Autocracia da Anarquia” por ser um ponto de encontro de amigos de boemia, literatos e colegas universitários como: Olavo Bilac, Raul Pompéia, Rodrigo Otávio, Júlio Prestes, Afonso Arinos, Edmundo Lins e os paranaenses, Ermelino de Leão, Hipólito de Araújo, entre outros.

Entre 1888 e 1889, funda a Folha Literária; dirige a revista Vida Semanária, com Olavo Bilac; colabora no Diário Popular e na Gazeta de São Paulo, de Júlio Ribeiro.

Em 1890 segue para o Rio de Janeiro. Foi o principal redator da Cidade do Rio, de José do Patrocínio. Colaborou de 1890 a 1893 no Novidades e na Revista Ilustrada, de Ângelo Agostini.

Em 1891 surgem as manifestações iniciais do movimento simbolista brasileiro subscritas por Emiliano Pernetá, Cruz e Souza, B. Lopes, Oscar Rosas e Gonzaga Duque.

Em 1893, adoentado, segue para Minas Gerais a convite do estadista João Pinheiro, seu amigo. Assume o posto de Promotor Público em Caldas, depois o de Juiz Municipal, com vara de Juiz de Direito, em Santo Antonio do Machado.

---

<sup>17</sup> Segundo José Nicolau dos Santos, op. cit., 1982. p. 40, Francisco David Antunes pertencia ao clã judaico dos Antunes, o mais importante do Brasil.

Em 30 de agosto de 1896 retorna, enfermo, ao sítio dos Pinhais, Curitiba, com o fim de restabelecer a saúde. Dedicar-se à advocacia e ao jornalismo, dirige os jornais: O Comércio e A República.

Em 1898, assina manifesto contra as perseguições anti-dreyfusistas a Émile Zola.

Em 1901, no Paraná, por concurso, assume a cátedra de Português e Literatura do Ginásio Paranaense (hoje Colégio Estadual do Paraná) e Escola Normal; simultaneamente foi Auditor de Guerra, com o posto de capitão; orador da Loja Maçônica Fraternidade Paranaense e ainda, secretário do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

Em 1902, funda e dirige a revista simbolista *Victrix*.

Em 1903, publica *Alegoria*, livro de definição de sua estética. Segundo Erasmo Pilotto<sup>18</sup>, foi a época de vida amorosa mais intensa de Emiliano.

Em 1910, na Primeira Festa da Primavera, Emiliano Pernetá declama para o povo o poema *Sol*.

Em 1911, aparece *Ilusão*, em edição de luxo e o poeta é eleito e coroado Príncipe dos Poetas Paranaenses, no Passeio Público.

Em 1912, funda com o jornalista Euclides Bandeira, o centro de Letras do Paraná e é eleito seu presidente. Também em 1912, torna-se um dos fundadores da Universidade Federal do Paraná, tendo comparecido à sessão solene da primeira Congregação da Universidade, composta pelos professores fundadores, conforme informa José Nicolau dos Santos<sup>19</sup>.

Em 1913, escreve o poema-libreto *Papilio Innocentia*, para a ópera do compositor suíço Leonhard (Léo) Kessler. Declama, na festa da Primavera, a ode heróica, *Hércules*.

Em 1914, nas vésperas da Primeira Grande Guerra, lê, no Rio de Janeiro, seu poema dramático *Pena de Talião*. Mais tarde, escreve poesias inspiradas pela guerra. Também nesse ano perde sua grande amiga, a poetisa Lucie Laval.

---

<sup>18</sup> Pilotto, E. Emiliano. Curitiba: Gerpa, 1945. p. 179.

<sup>19</sup> Santos, J. N. Emiliano Pernetá. Curitiba: Editora da UFPr, 1982. p. 79.

Em 1917, escreve *Vovozinha*, libreto de opereta infantil.

Em janeiro de 1920, em Curitiba, Andrade Muricy publica o ensaio *Emiliano Perneteta*.

Com graves problemas cardíacos, falece no dia 19 de janeiro de 1921, aos 55 anos, solteiro.

“Foi, até o seu último dia, liberal, republicano, livre-pensador, anticlerical, maçom, anti-germânico na Grande Guerra, participou de todas as lutas e todas as ações de seu tempo em sua cidade, não cedeu nunca”.<sup>20</sup>

Como se observa pela leitura dessa cronologia, Emiliano Perneteta foi poeta, orador, jornalista, jurista, mestre; sua missão, a de um artista com talento organizador e singular.

#### 4.2 - Obra Poética

A obra de Emiliano Perneteta no tempo, segundo Andrade Muricy, vai “do final da ‘belle époque’, até o limiar do entre guerras, em 1920”.<sup>21</sup>

Erasmio Pilotto<sup>22</sup>, em um trabalho exaustivo de coleta de material, entrevistas com antigos alunos, parentes, amigos, contemporâneos de Emiliano, fez um levantamento das obras desse autor.

Em 1888 foi publicado o primeiro livro de Emiliano Perneteta, *Músicas*, mas suas primeiras composições poéticas datam de 1883. Segundo Pilotto “A iniciação literária de Emiliano teria sido pelos treze, quatorze anos”<sup>23</sup>. Em 1883, publica seus primeiros versos no periódico o *Dilúculo*.

*Músicas*, livro publicado quando Emiliano tinha vinte e um anos, pertencente à fase inicial do poeta, apresenta traços parnasianos, são poemas em que predominam

---

<sup>20</sup> Erasmio Pilotto. *Emiliano*. Curitiba: Gerpa, 1945. p. 94.

<sup>21</sup> Emiliano Perneteta. *Ilusão e outros poemas*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966. p. 7.

<sup>22</sup> Pesquisador paranaense, compilador da obra de Emiliano Perneteta.

<sup>23</sup> Pilotto, E. *Emiliano*. Curitiba: Gerpa, 1945. p. 85.

a emoção, o subjetivismo, o tema do amor, sensibilidade poética mais próxima do Simbolismo. Para Erasmo Pilotto, “um livro quase adolescente”.<sup>24</sup>

De novo as velhas páginas tu fitas,  
Vagas, sem ritmo e luz, nem florescência,  
Louváveis só por terem sido escritas  
Na quadra sideral da adolescência.<sup>25</sup>

Em 1889, sob o pseudônimo de Victor Marinho, lança o “veemente e irreverente panfleto de propaganda republicana – Carta à Condessa D’Eu”.<sup>26</sup>

Em 1911, aparece *Ilusão*, em edição de luxo, esgotada em dois dias após o lançamento. A poesia contida em *Ilusão*, segundo Massaud Moisés, “destaca-se no panorama do nosso Simbolismo por características únicas”.<sup>27</sup> *Ilusão* leva Emiliano a um lugar de relevo no panorama do movimento simbolista brasileiro, pela sua originalidade, por criar uma arte com um acento próprio.

Conforme Erasmo Pilotto, em *Ilusão* é “manifesta a influência do Simbolismo, a fidelidade aos dogmas materiais da Escola. Não obstante, a maneira é pessoal e tudo é mesmo assim tão novo, que parece longe de todas as escolas”.<sup>28</sup>

No poema que abre o livro, *Prólogo*, o autor apresenta aspectos típicos do ideal estético do Simbolismo, tais: a poesia como meio de expressão do que há de mais profundo no poeta, atmosfera de sugestão, na busca do inefável, do simbólico.

É o impossível, pois, que eu amo, unicamente,  
A névoa que fugiu, a forma evanescente,  
A sombra que se foi tal qual uma visão ...

E por isso também, por isso é que eu suponho  
Que a vida, em suma, é um grande e extravagante Sonho,  
E a Beleza não é mais do que uma Ilusão!  
(Emiliano Pernet, 1966, p. 31)

---

<sup>24</sup> Idem, p. 106.

<sup>25</sup> Emiliano Pernet. Poesias completas. Rio de Janeiro. Zélio Valverde, 1945. p. 17.

<sup>26</sup> Santos. J. N. Emiliano Pernet. Curitiba: Editora da UFPr, 1982. p. 206.

<sup>27</sup> Massaud Moisés, Literatura brasileira. Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 136.

<sup>28</sup> Pilotto, E. Emiliano. Curitiba: Gerpa, 1945. p. 139.

Em 1913, escreve o libreto em verso *Papilio Innocentia*, para a ópera do maestro Leonhard (Léo) Kessler. O libreto, em três atos, foi inspirado no romance *Inocência*, de Visconde de Taunay.

Segundo José Nicolau dos Santos “Emiliano Pernetá condensou em três atos as linhas mestras da narrativa, fazendo alternar com muita felicidade elementos característicos, cômicos, poéticos ou de grande intensidade emocional<sup>29</sup>”.

Em 1914, Emiliano publica *Pena de Talião*, uma peça em três atos, prólogo e epólogo; escrita em versos. É poema dramático onde “a atmosfera geral respira poesia, e a ação desenrola-se em plano secundário. Os protagonistas, por isso mesmo, envolvem-se numa luz mítica, participando simultaneamente da esfera humana e divina, e são deuses e homens numa convivência peculiar aos helenos da idade de ouro”.

.....  
*Pena de Talião* “constitui um hino à beleza e à pureza do sentimento amoroso”.<sup>30</sup>

*Pena de Talião*, comédia – heróica escrita em versos como esses:

A minto:

Céfalo e Procris, ergo a minha taça,  
Para beber, amigos, à saúde,  
À glória, à força, à primavera, à graça,  
À frescura, à beleza e à juventude....

.....  
.....  
(Lendo os versos):

Um dia, andei contigo, ó pálida Glicera,  
Num passeio ideal, entre árvores e fontes.

---

<sup>29</sup> Santos, J. Nicolau. Emiliano Pernetá. Curitiba: Editora UFPR, 1982. p. 177.

<sup>30</sup> In Massaud Moisés, Literatura brasileira - Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1969. pp. 142 e 143.

Tu tinhas na cabeça uma coroa d'hera,  
E andávamos os dois, como uns Belerofontes....  
(Emiliano Perneteta, 1960, p. 59)

Após a morte do poeta, as poesias produzidas depois de *Ilusão* (de 1897 a 1920) mais algumas esparsas, foram reunidas (1934), por Andrade Muricy, no livro *Setembro*, “cuja publicação foi e pessoalmente custeada por José Henrique de Santa Rita”.<sup>31</sup>

Como afirma Massaud Moisés, “Emiliano adentra à última fase de sua ascensão poética e de sua vida. Agora, confirmam-se as palpitações dos primeiros livros, que deixavam entrever a mudança de rumo e a metamorfose pela qual, secretamente, ia passando o poeta”<sup>32</sup>.

É uma fase de meditação, religiosidade, pessimismo.

Nada pode igualar o meu destino agora  
Que o furor me feriu com um tirso de marfim,  
Vêde, não me contenho, o abutre me devora,  
Com as suas mãos que são de nácar e jasmim...

Reza por todos e por tudo, porém reza,  
Principalmente, pelos bons, que são os teus,  
Na verde catedral, chamada Natureza,  
Única onde se pode inda falar com Deus.<sup>33</sup>

Vários foram os críticos que reconheceram a excelência da obra de Emiliano Perneteta.

Para Nestor Victor<sup>34</sup>, Emiliano foi “o grande precursor do Simbolismo”, poeta cuja imaginação criadora extravasa na poesia.

---

<sup>31</sup> Emiliano Perneteta. *Ilusão e outros poemas*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966. p. 20.

<sup>32</sup> Massaud Moisés. *Literatura brasileira. Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 140.

<sup>33</sup> Emiliano Perneteta. *Ilusão e outros poemas*. Rio de Janeiro: GRD, 1966. p. 62.

<sup>34</sup> Como nasceu o simbolismo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro, 1979. vol. 3, p. 257.

Tasso da Silveira observou que “o poeta de Ilusão e Setembro deu ao alexandrino português uma flexuosidade surpreendente”/ .../ É canto genuíno, onda interior que desborda em ritmo, em música”.<sup>35</sup>

Andrade Muricy considera que “a música de Emiliano Pernetá, a sua poética, são personalíssimas, .....”<sup>36</sup>.

Ronald de Carvalho, assim descreve a obra de Emiliano: “Sua arte, no que tem de mais significativa, possui aquela simplicidade de requinte que os gregos reputavam o maior dom do espírito criador”<sup>37</sup>

Angel Crespo<sup>38</sup> escreve: “Pernetá es uno de los grandes líricos simbolistas”<sup>39</sup>

A produção poética de Emiliano Pernetá é, pois, vasta e admirável sendo considerada por Alfredo Bosi “de todos os simbolistas paranaenses o único realmente original”.<sup>40</sup>

Roger Bastide, crítico literário francês, no *Mercure de France*, 1953, escreveu:

“... Emiliano Pernetá, qui a uni le symbolisme au provincialisme, qui a chanté le Paraná où il est né, ses cieux ‘païens’, ‘son air de commencement virginal du monde’, avec une grâce tendre et bucolique”<sup>41</sup>.

#### 4.3 - Posição em Face da Literatura

---

<sup>35</sup> In Emiliano Pernetá. Poesias completas. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945. p. XVI.

<sup>36</sup> Muricy, Andrade. Emiliano Pernetá - Poesia. São Paulo/RJ: Agir, 1960. p. IX.

<sup>37</sup> A Folha, Rio de Janeiro, 16.04.1920..

<sup>38</sup> Crítico literário espanhol.

<sup>39</sup> Revista de Cultura brasileira. Madrid, 1967. p. 237.

<sup>40</sup> Bosi A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 283.

<sup>41</sup> ... Emiliano Pernetá uniu o simbolismo ao provincialismo que louvou o Paraná, onde nasceu, seus céus pagãos, sua atmosfera de princípio virginal do mundo, com uma graça tenra e bucólica.

O *corpus* literário, ou seja, o conjunto de textos eleitos para o presente estudo, pertence a um dos momentos mais significativos da história literária: a época simbolista.

À desagregação dos valores realista-positivistas seguiu-se, nas últimas décadas do século XIX, a afirmação do ideário espiritualista à esteira da filosofia de Bergson. Nasciam, assim, na França, os princípios do Simbolismo. Por outro lado surgiram, a esse tempo, as manifestações ousadamente originais em todos os gêneros literários, tentando superar a indecisão existente no alvorecer do século XX.<sup>42</sup>

Nessa época esboçava-se o espírito pré-modernista, anti-conservador; o Simbolismo trazia na sua essência elementos estéticos revolucionários capazes de abrir novas perspectivas à interpretação da realidade social, iniciando um movimento de cunho nacionalista.

O Simbolismo apareceu, por volta de 1870, em torno das figuras de Sully Prudhomme, Verlaine, Jules Laforgue, Rimbaud, Mallarmé e outros. Este nome, Simbolismo, surgiu do Manifesto Simbolista publicado mais tarde por Jean Moreas, na *Figaro Litteraire* (1886), onde ele expõe a doutrina simbolista.

O Simbolismo, em princípio, reata a tradição romântica em literatura – predominam os elementos subjetivos em reação ao espírito materialista e objetivo do Realismo, Naturalismo e Parnasianismo; representa uma nova filosofia de vida, um modo diferente de interpretar o homem, o mundo.

O Simbolismo, escola literária nascida na França, na segunda metade do século XIX, representou uma reação contra o Parnasianismo.<sup>43</sup>

Nas duas últimas décadas do século XIX na Europa havia uma sociedade apoiada em duas classes sociais: os capitalistas, que viviam de lucros, e uma classe média em crise. Apesar do progresso científico e tecnológico esse período foi marcado por profunda crise, (grande depressão). Surgem os partidos socialistas, pregando o fim do capitalismo; emergem novos valores: a metafísica, o misticismo, a fé, a religião, visando a um mundo melhor. A arte produzida nesse período sofre influência desse estado de coisas.

---

<sup>42</sup> Fujyama, Y. *Noções de literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1968. p. 95.

<sup>43</sup> Escola que se originou na França, em 1866 e que apregoava a arte pela arte. Reagiu contra o sentimentalismo exagerado do Romantismo, adotando uma atitude objetiva, impessoal.

Com o Simbolismo surgem as filosofias espiritualistas, neotomistas e, sobretudo, as filosofias de Croce<sup>44</sup> e Farias Brito<sup>45</sup>; o positivismo e o materialismo são renegados de vez.

A estética da escola Simbolista é uma consequência de sua filosofia que nega o cientificismo, o materialismo, o racionalismo, valorizando em contrapartida, as manifestações metafísicas e espirituais. O homem volta-se para uma realidade subjetiva, o *eu* passa ser o universo e, a essência do ser, sua alma; há uma oposição entre corpo e alma, matéria e espírito. Os simbolistas procuraram resgatar a relação do homem com o sagrado, com a liturgia e com os símbolos.

Dois filósofos marcaram esse período histórico: Schopenhauer<sup>46</sup> e Nietzsche<sup>47</sup>. Schopenhauer elaborou um sistema filosófico que estabelece como primeiro princípio a preeminência absoluta da vontade sobre o entendimento, a vontade é irracional e essência de todas as coisas e o sofrimento é o fundamento de toda a vida. Sua doutrina desemboca no pessimismo. Nietzsche declarou a “morte de Deus”, formalizando o niilismo, ou seja, a ausência de sentido das coisas, a negação total de tudo.

No final do século XIX, o início da produção da arte impressionista na França surge como o primeiro sintoma de mudanças no cenário artístico da época. Para os impressionistas o essencial não é o objeto, a obra a ser focalizada e sim a impressão, os efeitos que ela produz na sensibilidade do artista.

O impressionismo influenciou a música onde as obras visam descrever imagens. *Prelúdio à tarde de um fauno*, marco do impressionismo musical, de Debussy, ilustra o poema simbolista (*O despertar de um fauno*), de Stéphane Mallarmé.

Para aproximar a poesia da música o poeta simbolista explora os efeitos sonoros das palavras, através de recursos estilísticos como: rima, ordem indireta,

---

<sup>44</sup> Benedetto Croce (1866-1952) – Filósofo, crítico e historiador italiano. Sua filosofia identifica-se com a História.

<sup>45</sup> Farias Brito, Raimundo (1882-1917) Escritor e filósofo brasileiro, combateu o positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer. Lutou pelo primado da metafísica. Pertence à corrente espiritualista brasileira.

<sup>46</sup> Schopenhauer, Artur (1788-1860). Filósofo alemão.

<sup>47</sup> Nietzsche, Friedrich Wilhelm (1844-1900). Filósofo e escritor alemão.

entre outros. Emiliano usa muito o período exclamativo, o encadeamento como recurso rítmico, rimas consoantes, metáforas, imagens, símbolos e alusões.

A obra de Emiliano Pernetá, apesar de influenciada pelo Simbolismo, especialmente o francês, apresenta um vocabulário próprio, linguagem com acentos coloquiais e uma dialética especial e singular.

Os poetas simbolistas franceses eram chamados de “poetas malditos” por terem iniciado uma subversão moral e estética; de “nefilibatas” (habitantes das nuvens) porque sua poesia tentava exprimir o inexprimível e, “decadentistas”, porque a poesia dessa época transmitiu a decadência moral do fim do século XIX.

Baudelaire exerceu influência decisiva no movimento simbolista – o termo “decadentista” vem da suposição dos aspectos de decadência inseridos na poesia dele. Os decadentes preconizavam uma poesia pessimista, mostrando o horror da realidade banal, anarquia, satanismo, entre outras características.

Com Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Moreas, Mallarmé, e outros, difunde-se pelo ocidente a poesia simbolista, com as seguintes tendências:

- Subjetivismo – filosofante: a corrente simbolista mais geral, em que o homem procura expressar o seu mundo interior, o seu EU mais profundo.
- Misticismo – ênfase à dimensão do ser humano relacionada com a religião; apego à liturgia, aos símbolos místicos e às paisagens.
- Musicalidade: a poesia e a música se associam a fim de expressar o mundo interior.
- Onirismo e cosmicidade revelando a preocupação do homem com o inconsciente e o subconsciente, o sonho e a dimensão profunda do ser.
- Satanismo – influência de Charles Baudelaire, com uma poesia irreverente, satânica.

Em Portugal, o movimento simbolista surge através do livro *Oaristos* (1890), de Eugênio de Castro, que no prefácio expõe o ideário simbolista.

No Brasil, desde 1887 livros simbolistas são divulgados por Medeiros de Albuquerque. No Rio de Janeiro, em 1891, a *Folha Popular*, com Cruz e Souza, Bernardino Lopes, Emiliano Pernetá, publica um manifesto simbolista. Mas, é com

*Missal e Broquéis* (1893), de Cruz e Souza, que surge definitivamente o Simbolismo na Literatura Brasileira.

Em Curitiba várias revistas de cunho simbolista foram criadas nessa época. Entre elas, *O Cenáculo* (1895-1897), de Emiliano Pernetá, Dario Veloso, Silveira Neto e outros, que teve grande influência nacional.

“Curitiba tornou-se grande núcleo do culto e irradiação dos ideais decadentes e simbolistas”.<sup>48</sup> Emiliano Pernetá foi um dos mentores do movimento simbolista brasileiro.

Massaud Moisés, sobre a estética literária seguida por Emiliano afirma:- “Entretanto, evitemos de nivelar Emiliano Pernetá com os simbolistas ortodoxos e epigonais, que se agarram exclusiva e canhestamente às transparências crepusculares ou neblinosas”<sup>49</sup>.

É que a poesia de Emiliano Pernetá não segue todas as fórmulas simbolistas, ele preferiu buscar suas próprias soluções e com isso, “conseguiu criar uma poesia de superior beleza, dentre as mais bem acabadas de todo o nosso movimento simbolista”.<sup>50</sup>

Emiliano Pernetá parte de uma consciência poética mais arejada e progressista, imprime ao verso originalidade, num tom elegante, altivo e aristocrático. Sua obra apresenta de um lado aspectos góticos do simbolismo: morte, mistério, pessimismo, certo satanismo, de outro algumas características que a aproximam do Parnasianismo como: o gosto pelo soneto, requinte formal, poesia meditativa, uso de termos da mitologia clássica a força das imagens, entre outras.

---

<sup>48</sup> Massaud Moisés. *Literatura brasileira. Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1967. p. 81.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Ib. id. Op. cit., 1969, p. 136.

## 5 - O UNIVERSO SEMIÓTICO DE EMILIANO PERNETA

### 5.1 - Os Símbolos

Enquanto expressão verbal, a poesia possui um léxico particular, um *corpus* poético, onde estão valores representativos de uma determinada visão histórica, social e ideológica que o autor deixa transparecer através da organização discursiva, do seu modo de ser, pensar, sentir o mundo. Trata-se de um *corpus* composto de símbolos literários que, através da cultura, podem ser classificados como: símbolos religiosos, místicos, folclóricos, mitológicos, ecológicos, e outros. Na poesia de Emiliano Pernetá há uma gama de símbolos capazes de caracterizá-la como sensorial, subjetiva e fundamentalmente simbólica.

O símbolo, *lato sensu*, deve ser entendido como um objeto natural ou cultural, que, por convenção ou não, é capaz de representar outro objeto, em relação ao qual tem caráter heterogêneo. Um símbolo literário é algo apresentado para representar um fato, uma situação cultural, no contexto discursivo. No símbolo há uma heterogeneidade em relação à realidade ou objeto simbolizado, se é visto como fruto de uma convenção tácita ou expressa que se estabelece entre os seres humanos. Por exemplo, a coruja não simboliza ela mesma e sim, a Filosofia. A heterogeneidade, a diversidade entre o símbolo e a coisa simbolizada, insere-se, de certa forma no caráter convencional do símbolo.

A excelência do símbolo está no fato de representar uma coisa por meio de outra e não por meio dela mesma. Logo, o símbolo será mais simbólico à medida da sua diferença, heterogeneidade em relação à coisa simbolizada. Ao representar determinada realidade o símbolo substitui-se a ela, portanto, desempenha uma função cultural.

Em toda linguagem artística há um valor simbólico intrínseco. O Simbolismo foi uma estética literária que usou o símbolo, assim como outras o fizeram. O movimento simbolista foi assim chamado por ter como intenção precípua evocar a realidade, traduzindo-a de forma simbólica ao invés de descrevê-la de forma impessoal.

Segundo Massaud Moisés, “podem ser encontradas atitudes simbolistas (ou simbólicas) desde sempre, mas somente em fins do século XIX elas se tornaram moda”.<sup>51</sup> Poetas como Stéphane Mallarmé (1842-1898), Charles Baudelaire (1821-1867), e outros, vão consagrar-se através do culto da sugestão, da imagem, do símbolo. Para eles, atrás da realidade há um mundo de idéias onde as sensações podem transmitir pensamentos, sentimentos e emoções mais variados.

No soneto *Ao Cair da Tarde*, Emiliano Pernetta dispõe a paisagem conforme os critérios simbolistas de sugestão para a descrição interior e emprega várias imagens para sugerir algo além de um final de dia e simbolizar o fim da vida.

## AO CAIR DA TARDE

Agora nada mais. Tudo silêncio. Tudo.  
Esses claros jardins com flores de giesta,  
Esse parque real, esse palácio em festa,  
Dormindo à sombra de um silêncio surdo e mudo.

Nem rosas, nem luar, nem damas ... Não me iluda  
A mocidade aí vem, que ruge e que protesta,  
Invasora brutal. E a nós que mais nos resta,  
Senão ceder-lhe a espada e o manto de veludo?

Sim, que nos resta mais? Já não fulge e não arde  
O Sol! E no covil negro desse abandono,

---

<sup>51</sup> Massaud Moisés. Literatura brasileira. Simbolismo. São Paulo: Cultrix: 1969. p. 28.

Eu sinto o coração tremer como um covarde!

Para que mais viver, folhas tristes de outono?  
Cerra-me os olhos, pois, Senhor. É muito tarde.  
São horas de dormir o derradeiro sono.

(Emiliano Pernet, 1966, p. 236)

Baudelaire, no célebre soneto *Correspondences* (Correspondências) em suas primeiras estrofes, diz:

“La Nature est un temple où de vivants piliers  
Laisserent parfois sortir de confuses paroles.  
L’homme y passe à travers des forêts de symboles!!!  
Qui l’observent avec des regards familiers”<sup>52</sup>

“A natureza é um templo em que vivas pilastras  
deixam sair às vezes obscuras palavras;  
o homem a percorre através das florestas de símbolos  
que observam com olhares familiares”<sup>53</sup>.

Para os simbolistas, o real deve ser percebido através de analogias entre os sentidos, onde a sinestesia ocupa um lugar de destaque, e a natureza é uma constante.

Como exemplo, os versos de Emiliano Pernet, onde o apelo aos sentidos humanos caracteriza a interiorização através da sinestesia.

Tarde de olhos azuis e de seios morenos  
Ó tarde linda, ó tarde doce que se admira,  
Como uma torre de pérolas e safira.  
Ó tarde como quem tocasse violino.<sup>54</sup>

Segundo Guy Michaud o símbolo é um centro dinâmico onde a verdade se espalha, por todos os sentidos e planos da realidade. Somente a este preço, a

---

<sup>52</sup> Baudelaire, C. *Les Fleurs du Mal*, op. cit., 1949.

<sup>53</sup> Tradução de Gilberto Mendonça, op. cit., 1972, p. 23.

<sup>54</sup> Emiliano Pernet. *Ilusão e outros poemas*. Op. cit., 1966, p. 97.

palavra símbolo pode recuperar sua força e valor verdadeiros. A poesia centra-se no símbolo e é este que lhe dá energia “a virtude de seu brilho”.<sup>55</sup>

“Le symbole est plus qu’un carrefour: c’est un rayonnement.

C’est plus qu’une position privilégiée: c’est un centre dynamique d’où la vérité se répand, dans tous les sens, et sur tous les plans de la réalité. A ce prix seul, le mot symbole peut retrouver sa force et sa valeur véritable: à ce prix seul il sera ce que veulent les Symbolistes: une synthèse”.<sup>56</sup>

Maurice Maeterlinck<sup>57</sup>, poeta belga, citado por Guy Michaud, entende que o símbolo é uma força da natureza e o poeta poderoso é passivo ao símbolo, isto é, deixa que o símbolo se manifeste e desenvolva por si. “Le Symbole est donc véritablement ‘une force de la nature’ et le poète puissant est celui qui est ‘passif dans le symbole’”.<sup>58</sup>

Maeterlinck caracteriza o símbolo como algo natural, intrínseco ao ser humano, que dá vitalidade ao poema, sendo superior à alegoria por ser natural, mais inconsciente e podendo ir além do pensamento, enquanto a alegoria resulta de uma intenção apriorística, antinatural. A alegoria constitui-se numa série de metáforas, é a expressão contínua de idéias, imagens que se correspondem uma a uma.

O símbolo, na forma tradicional é a representação de determinado fato através de uma imagem, como a cruz representando a fé. Modernamente, o significado de símbolo ampliou-se através da leitura intersemiótica ou de transcodificação. Pode-se avaliar a carga simbólica dos elementos envolvidos no texto poético, onde cada poeta

---

<sup>55</sup> Guy Michaud, *Message poétique du symbolisme* Paris: Nizet, 1954. pp. 414 e 415.

<sup>56</sup> O símbolo é mais que um cruzamento: é um centro de irradiação. É mais que uma posição privilegiada: é um centro dinâmico de onde a verdade se espalha, em todos os sentidos e sobre todos os planos da realidade. Só a este preço, a palavra símbolo pode redescobrir sua força e seu verdadeiro valor: só a este preço ele será o que querem os simbolistas: uma síntese.

<sup>57</sup> Michaud, G. Op. cit., 1954, p. 415.

<sup>58</sup> Idem, p. 415.

usa seus próprios símbolos e a palavra passa a ter sob o significado aparente, outro mais profundo, simbólico.

Para Gilbert Durand (1921 - ) além dos signos, também a alegoria, o emblema e o apólogo cumprem a função comunicadora dos signos<sup>59</sup>.

Segundo Mircea Eliade, o símbolo volta-se ao homem todo e não apenas à sua razão, sendo sempre um extrato de vários pensamentos isolados.<sup>60</sup>

O simbolismo se faz presente em todos os discursos e sua interpretação deve ser encarada sob as perspectivas lingüística e lógica. Um texto torna-se simbólico quando se pode perceber um sentido indireto.

“O símbolo é, assim, considerado o elemento mediador entre o homem e o mundo, e o único capaz de evocar a realidade misteriosa do universo”.<sup>61</sup>

Os poemas de Emiliano Pernetta trazem esta carga simbólica, onde, muitas vezes percebe-se o real (concreto) em confronto com o simbólico (imaginário, onírico) ou seja o substrato natural versus o artificial.

No soneto *Corre mais que uma vela ...*, Emiliano Pernetta sugere o tema da passagem do tempo onde, somente no último verso revela o anseio pela morte. Está projetada a interioridade do poeta, a valorização da realidade subjetiva.

Pode-se observar a correspondência entre o concreto e o abstrato, o poder de sugestão, termos ligados à morte, repetições de palavras, aliteraões (repetições sistemáticas das mesmas consoantes para dar musicalidade aos versos) – no poema: s, f, v, e r para sugerir a velocidade da passagem do tempo. O poeta usa imagens – símbolo: vela, vento, luz, treva, para simbolizar o fluir, a passagem do tempo.

A atitude do poeta ante a realidade é de fuga, quer libertar-se, afastar-se, é introspectivo, pretende expor um estado de alma profundo e complexo.

## CORRE MAIS QUE UMA VELA ...

---

<sup>59</sup> Durand, G. *As Estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Lisboa: Presença, 1989. P. 12.

<sup>60</sup> Eliade, M. *Op. cit.*, 1963, p. 23.

<sup>61</sup> Douglas Tufano. *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Moderna, 1983. p. 117.

Corre mais que uma vela, mais depressa,  
Ainda mais depressa do que o vento,  
Corre como se fosse a treva espessa  
Do tenebroso véu do esquecimento.

Eu não sei de corrida igual a essa:  
São anos e parece que é um momento;  
Corre, não cessa de correr, não cessa,  
Corre mais do que a luz e o pensamento ...

É uma corrida doida essa corrida,  
Mais furiosa do que a própria vida,  
Mais veloz que as notícias infernais ...

Corre mais fatalmente do que a sorte,  
Corre para a desgraça e para a morte ...  
Mas eu queria que corresse mais!

(Emiliano Pernet, 1966, p. 54)

O fato do poeta criar tipos e imagens que valham pela representação de seus sentimentos, emoções, obedece à filosofia do Simbolismo.

## 5.2 - O Desenvolvimento dos Símbolos

A imagem poética constante na obra de Emiliano Pernet está carregada de valores culturais, onde o valor simbólico fundamenta e intensifica os ideais, as emoções, a vida em todas as manifestações. Os motivos simbólicos surgem espontâneos ao espírito criador – o real, o imaginário, o sonho, mesclam-se ao longo da obra poética.

O sistema simbólico, na poesia de Emiliano Pernet, pode ser esquematizado da seguinte maneira.

Sonho

|

xxxvii



e outros. O símbolo, na obra de Emiliano, percorre, portanto, as áreas culturais e folclóricas.

Toda construção simbólica foi sistematizada no estudo, a partir dos seguintes enfoques: o símbolo da natureza intimamente ligado à dinâmica cultural; o símbolo folclórico, o mito e o símbolo religioso: pagão, cristão e bíblico.

### 5.2.1 -A Natureza e Suas Formas Simbólicas

O símbolo da natureza é considerado aquele que transmite conceitos pertencentes à relação do homem com seu ambiente natural fora do artificialismo humano. É o símbolo onde se inserem as relações de nascimento, origem, significando a propriedade natural, procedente ou oriunda da gênese de um ser vivo.

O vocábulo *natureza* deriva etimologicamente do latim *natura*. Ambos os termos referem-se à origem, significando a propriedade natural. Em sentido lato,

chama-se natureza o modo de ser de cada ente, tal como lhe compete por sua origem.

O simbolismo representa uma nova forma de sentir e ver o ser humano e a natureza. O homem toma consciência da sua realidade intrínseca, pessoal, singular, do sentido profundo das coisas, da natureza, das pessoas, dos ambientes. O simbólico procura evidenciar e tornar poética a expressão artística. A natureza serve de palco para o artista exprimir suas emoções. A natureza na obra de Emiliano Pernetta reflete a vida interior do poeta, interpreta a existência humana na vida x morte; ilusão x realidade.

Alguns poemas de Emiliano Pernetta são dotados de cor local, onde o símbolo é o da terra, como o rio Iguaçu, onde a natureza é exaltada.

José Cândido de Andrade de Muricy<sup>62</sup> (1895-1984) escreve, tratando de Emiliano: “Amoroso sensitivo, capaz de transfigurar, como faz, a artéria magna da terra paranaense, o oceânico rio Iguaçu; e de, sem retirar-lhe a grandeza sinfônica, cujo hino terminal são as Cataratas mundiais, aproximá-lo cordialmente, e com tão singela novidade da nossa familiaridade: ...”<sup>63</sup>

## IGUAÇU

*Ao Joaquim de Castro*

Ó rio que nasceu onde nasci, ó rio  
Calmo da minha infância, ora doce, ora não.  
Belo estuário azul, espelhado e sombrio.  
Quanto susto me deu, quanto prazer me dá!

Quantas vezes eu só, nessas manhãs d'estio,  
Ao vê-lo deslizar, pomposamente, lá  
Pálido não fiquei, tão majestoso vi-o  
Orgulho do Brasil, glória do Paraná!

Companheiro ideal! Durante toda a viagem,  
Foi o espelho fiel a refletir a imagem  
Dos montes e dos céus, percorrendo através

Da floresta, ora assim como um cão veadeiro,  
A fugir, a fugir alegre e alviçareiro,

---

<sup>62</sup> Crítico literário e musical brasileiro. Fonte: Barsa, op. cit., 1987. Vol. I – Índice.

<sup>63</sup> Andrade Muricy. Emiliano Pernetta. Poesia. São Paulo: Agir, 1960. p. 9.

Ora deitado aqui, quase a lambar-me os pés!  
(Emiliano Pernetá, 1966, p. 68)

A natureza, na obra de Emiliano Pernetá, reflete a vida interior do autor e dos personagens de seus poemas; muitas vezes é a própria razão do poema, seu significado.

Muitos poemas trazem no próprio título símbolos ligados à natureza por exemplo: *Iguaçu*; *Sol, Sol d'Inverno*, *Lírio*; *Flora*; *Borboleta*; *Sombra*; *A boa estrela*; *Passarinho verde*; *Árvore*, *No tronco de uma árvore*, e outros.

No poema *No tronco de uma árvore* pode-se observar a natureza vista em profundidade como uma ninfa capaz de atrair o poeta.

NO TRONCO D'UMA ÁRVORE  
*Ao Mário de Barros*

Foi num começo esplêndido de Outono,  
Quando cheguei. A mata era um gorjeio,  
Era um sussurro, languidez e sono,  
E um corpo nu e um perfumado seio.  
E que gesto mais lindo de abandono  
Que braços loucos e que doido anseio  
Quando me vi perdido aqui no meio  
Desta folhagem, alta como um trono!

Hoje, anda em guerra o sol com o Deus Marte,  
É que eu me vou, é que eu me vou embora ...  
E que fel tão amargo de deixar-te,

Ó natureza, ó rústica sonora,  
Virgem de pés descalços e sem arte,  
Que eu como um fauno deflorei agora!

(Emiliano Pernetá, 1966, p. 40)

Nesse soneto há um acento panteísta e erótico, onde a natureza simboliza um ser corporificado. No primeiro terceto o poeta lamenta ir embora, deixar a natureza e o sonho; confessa que o contato íntimo com a natureza representou o prazer supremo.

Os versos do soneto apresentam uma força plástica expressiva e simbólica onde se concentra a essência do tema, onde a natureza reflete o sentimento interior do poeta e do homem.

O poema O Sol, conforme Andrade Muricy<sup>64</sup>, “essa vasta cantata sinfônica que exprime a frescura e o inumerável matizamento das manhãs no altiplano ridente de Curitiba”.

O poema o Sol, através de metáforas e sinestesias, busca a excelência da natureza, o brilho, a luz, a irradiação solar. O pinheiro-do-paraná<sup>65</sup> é um símbolo forte, uma taça erguida para a luz<sup>66</sup>. O poeta projeta seu estado de alma, onde os elementos do poema direcionam-se para o lamento, a dor.

Segundo Andrade Muricy “Emiliano é o único a cuja poesia se poderá aplicar o qualificativo ‘solar’”. Este crítico observou que a nota solar prepondera na obra de Emiliano<sup>67</sup>.

Pode-se realmente observar que o tema do Sol, une-se à concepção simbólica da natureza trazendo uma matiz diferente, iluminada, na obra de Emiliano Pernetá.

## SOL

Ao Dario Veloso.

Crepúsculo indeciso. As estrelas começam a apagar-se, uma a uma, como lâmpadas que se extinguem. Zéfiro sopra. E num vago sussurro harmonioso, a pouco e pouco, a natureza acorda. Ouvem-se vozes longínguas e dispersas ...

## UM PÁSSARO

- Vai despontar a luz.

## OUTRO PÁSSARO:

- Pois que desponte logo.

Tenho ânsias de subir, tenho a cabeça em fogo.  
Hoje vou conhecer, pela primeira vez,  
A voluptuosidade, a febre, a embriaguez  
De voar, de voar, ó sonho, que me abrasas!

---

<sup>64</sup> Andrade Muricy. Emiliano Pernetá – Poesia. São Paulo: Agir, 1960. p. 51.

<sup>65</sup> Araucária brasiliensis.

<sup>66</sup> Andrade Muricy, idem.

<sup>67</sup> Ib. idem.

OUTRO PÁSSARO:

- Ah! Que bom de fugir! Que orgulho de ter asas!

OUTRO PÁSSARO:

- Estou ébrio de amor. O amor é como o vinho.  
Que venha logo a luz. Quero fazer meu ninho ...

UM GALO:

- Dentro desta canção, tão límpida e sonora,  
Há matizes de luz e púrpuras d'aurora.

UM CORVO:

- Eu sou a podridão e o vento que arrasa;  
Sou a fome e a nudez ... O sol é a minha casa.

O MONTE:

- Que solidão sem par, que solidão extrema,  
A solidão cruel e áspera de um monte;  
Mas quando o sol me toca, é como um diadema,  
Aurifulgindo aqui por sobre a minha frente ..

O CHARCO:

- Água esverdeada e suja e pântano sombrio,  
Mas quando o sol me doira esta miséria, eu rio.

A FLORESTA

- O delírio brutal! Quando me mordes tu  
A carne toda em flor, o seio todo nu,  
Com teus beijos de fogo, eu como a flor do nardo  
Reendo de prazer, e de luxúrias ardo ...

UMA ÁRVORE:

- Quando ele bate aqui no meio da floresta:  
Que sussurro, que ardor, que anseios e que festa!

UMA CIGARRA:

- Faz tamanho rumor e tamanha algazarra,  
Que eu suponho que o sol é como uma cigarra ...

OUTRA ÁRVORE:

- E que perfume tem!

OUTRA ÁRVORE:

- E que canções vermelhas!

OUTRA ÁRVORE:

- Nós somos como a flor, ele como as abelhas!

A TERRA:

- Quanto me queima o sol, com os seus desejos brutos!

A VIDEIRA:

- Ó glória de florir e rebentar em frutos!

A PALMEIRA:

- Como gentil eu sou! E o aroma que trescala,  
Quando me lambe o sol e o zéfiro me embala!

O ORVALHO:

- Ao sol eu brilho mais que a pérola d'Ormuz ...

O PINHEIRO:

- Eu sou como uma taça erguida para a luz ...

AS FONTES:

- É um murmúrio sem fim de horizonte a horizonte ...  
O dia quando nasce é bem como uma fonte ...  
Através da floresta e desse campo e desse  
Vale, há um rumor de luz, como água que corresse ...

A ABELHA:

- Quando sobre o horizonte esse astro heróico assoma:  
Que orgulho, que prazer, que vibração cruel.  
Pois é de sol e flor, é de luz e aroma,  
Que componho esta cera e fabrico este mel!

UM PÁSSARO:

- Ah! Que alado frescor tem o romper d'aurora!

OUTRO PÁSSARO:

- É tempo de fugir, é tempo d'ir-me embora ...

OUTRO PÁSSARO:

- É nesse lago azul que hoje quero roçar  
As asas ...

OUTRO PÁSSARO:

- E eu é sobre as ondas desse mar ...

UM PASTOR:

- Eu nunca vi o céu de uma beleza assim:  
É todo de oiro e rosa e púrpura e carmim ...

OUTRO PASTOR:

- Dentro daqueles véus ideais do rosicler;

A aurora tem a graça e o ar de uma mulher ...

OUTRO PASTOR:

- Mas ei-lo que surgiu, em rufos de alvoroço,  
Brilhantemente nu, divinamente moço,  
Eterno de frescor juvenil e tamanho,  
Como se viesse de um maravilhoso banho,  
Feito de águas lustrais, e aroma, e ambrosia,  
E coragem, e luz, e força, e alegria ...

UMA ROSA:

- E que límpido céu! Que espetáculo rubro!

OUTRA ROSA:

- É realmente bela esta manhã de Outubro!

UM BEIJA-FLOR:

- Eu nunca vi assim manhã tão luminosa ...

OUTRO BEIJA-FLOR:

- É fina como o lírio e é ardente como a rosa ...

UM PASTOR:

Quando o sol aparece em ondas, a beleza  
E a frescura, que espalha, é de tal natureza,  
Tem um olhar tão bom, tão novo, tão jacundo,  
Que toda madrugada é o começo do mundo ...

A FLORESTA:

- Tu me beijas, ó sol, tão loucamente, espera,  
Que eu em pleno fulgor ideal de primavera,  
Debaixo desse fogo ardente de teus beijos,  
Em delírios de amor e amplexos de desejos,  
Arrebatando em flor, completamente louca,  
Ofereço-te o seio, ofereço-te a boca!

UM PÁSSARO:

Aqui, onde eu estou, deste raminho verde,  
Quero subir até onde a vista se perde ...  
Quero aos raios do sol minhas asas bater,  
Até cair no chão, bêbedo de prazer ...

AS OVELHAS:

- Luz radiosa e pura, ó fonte criadora,  
Luz que faz germinar em grãos a espiga loura,  
E que veste de verde os campos seminus.  
Bendita sejas, flor, bendita sejas, luz!

#### O POETA:

- Ah! Que sombria dor e que profunda mágoa  
De não poder ser eu aquela gota d'água,  
Que depois de fulgir, assim como uma estrela,  
Derrete-se na luz, funde-se dentro dela!  
(Outubro, 1910)  
(Emiliano Perneteta, 1966, p. 154 a 158)

O símbolo da natureza se manifesta como exaltação da vida, do amor, da liberdade. O sol ilumina a natureza, alegra a vida. A paisagem é local, o pinheiro é “como uma taça erguida para a luz”.

Em muitos outros poemas a presença da natureza simboliza períodos de transformações externas e internas refletidas no íntimo do poeta.

#### SETEMBRO

Eu ontem vi chegar, quase à noitezinha,  
Apressada e sutil, a primeira andorinha ...

É a primavera, pois, em flor, que se anuncia  
É setembro que vem, bêbedo de ambrosia.

Mãos doiradas, a rir, mãos leves e radiosas,  
Semeando à luz e ao vento as papoulas e as rosas ...

Como foi para nós de um esquisito gozo,  
Ó minha alma! esse doce, esse breve repouso,

Que entre o nosso viver tumultuário e incerto  
Surgiu como se fosse o oásis do deserto ...  
(Emiliano Perneteta, 1966, p. 221)

#### FLORA

Ontem, eu me encontrei contigo, ó primavera,  
Os lábios a sorrir, como uma flor vermelha,  
Tu trazias na mão a clássica corbelha,  
E na fronte ideal uma coroa d'hera.

Em derredor de ti, loucamente, passava  
Um tribilhão febril de raparigas, quase  
Nuas, veladas só por um sendal de gaze,  
Mais leve do que o som que Zéfiro soprava.  
(Idem, p. 69)

#### 5.2.2 - O Simbolismo Folclórico

O símbolo folclórico é o signo representativo de uma faceta da psicologia de um povo. É usado para evidenciar aspectos da cultura e conhecer o homem, suas idéias ou sentimentos comuns.

O termo folclore, do inglês folk (povo) + lore (saber), significa a ciência ou saber do povo. Foi o arqueólogo inglês William John Thoms (1803-1885) que lançou a palavra folk-lore, para designar as “antiguidades populares”, que eram: contos, lendas, mitos, provérbios, música, dança ou seja, o saber tradicional do povo.

Wilhelm Wundt (1833-1920), filósofo e psicólogo alemão, em *Völkerpsychologie* ao relacionar os fatos culturais com a mentalidade étnica tornou o Folclore pertinente à Psicologia.

João Ribeiro (1860-1934), historiador e filólogo brasileiro, estudioso do folclore, encaminhou-se no sentido da *völkerpsychologie*, considerada uma psicologia étnica. Segundo João Ribeiro: - “ O folclore é, pois, uma pesquisa da psicologia dos povos, das suas idéias e seus sentimentos comuns, do seu inconsciente, feito e refeito secularmente e que constitui a fonte viva donde saem os gênios e as individualidades de escol.”<sup>68</sup>

O folclore é um ramo da Antropologia e de grande significação no campo do conhecimento humano. A Literatura encontra no Folclore sua fonte original.

O Folclore é considerado produto do Romantismo porque a palavra que lhe serviu de designação apareceu como característica desse movimento, mas, conforme afirma Renato Almeida “foi no Século XVIII que se estabeleceu uma filosofia da criação *folk* considerada como valor histórico e encarados os seus elementos - crenças, mitos, usos, costumes, narrativas, contos, etc. - na mesma ordem que os demais fatos da vida humana<sup>69</sup>”.

O Folclore, como valor de cultura, leva à Literatura toda uma simbologia singular, capaz de revelar aspectos importantes da vivência humana.

Segundo Hênio Tavares, o Folclore não apresenta uma teoria geral, devido à sua complexidade. “As teorias e os métodos hão de variar conforme as diferentes

---

<sup>68</sup> Ribeiro, João. O folclore. Rio de Janeiro: Simões, 1965. p. 59.

<sup>69</sup> Almeida, Renato. A Inteligência do folclore. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1974. p. 271.

seções com que se relacionam<sup>70</sup>”. Esse estudioso da Teoria da Literatura explica que, por exemplo, quanto à origem e à disseminação dos mitos e contos, Artur Ramos relacionou várias teorias e escolas mitográficas como: as teorias antigas, pré-científicas; as filológicas e alegóricas; as naturalistas; as históricas e difusionistas; as ritualísticas e litúrgicas e as antropológicas e psicológicas.

As teorias informam a natureza e função dos mitos, contos, dos diferentes povos da terra; um estudo indispensável à compreensão dos fatos folclóricos. As teorias antigas explicam a representação alegórica contida nos mitos, a caracterização das mitologias clássicas e pagãs. Nas teorias firmadas nos estudos da filologia comparada surgem explicações para a interpretação mitológica.

O mesmo autor faz uma síntese de fontes folclóricas tais: mitos, contos, lendas, tradições, fábulas, adivinhas, trovas, canções, provérbios, danças, cerimoniais, rituais e outras. Há, portanto, uma amplitude que envolve o folclore como: a psicologia, os costumes, as religiões, enfim, todo um arcabouço cultural.

O amor é símbolo folclórico refletindo características das pessoas, como sentimento capaz de sacrificar o homem. No poema *Se se morre de amor*, o símbolo aqui representa um fato apresentado para revelar uma outra realidade - a força do amor e a fragilidade do ser humano capaz de morrer por amor.

### SE SE MORRE DE AMOR!

Se se morre de amor! não fosse a vida  
Amor! e a gente a ti não te enxergasse,  
A boca não te visse e esmorecida,  
Zambra, não visse o sol da tua face.

Se se morre de amor! dize, querida,  
Dize tu se não mata o amor que nasce  
Que a gente aspira em febre e enlouquecida  
Como um veneno acaso se aspirasse.

Tudo vive de amor ardente e em gelo,  
Tudo falece deslumbrante e belo,

---

<sup>70</sup> Tavares, Hênio. Teoria literária. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S/A, 1969. p. 437.

Homem, Deus, ave, flor, tudo sufoca ...

Num beijo, fundo, longo e delicioso,  
Morres tu, beija-flor, pleno e gozo,  
Alma plena de amor, fervente e louca!  
(Emiliano Pernet, 1945, p. 123)

Em *Músicas*, primeiro livro de Emiliano Pernet, o símbolo é o do amor, cantos de amor, próprios da mocidade em confronto com a desilusão, a saudade.

## CANÇÃO NOVA

Amo e o amor agora  
É bom, é suave, é santo,  
Não é como o de outrora,  
Como o de outrora não me queima tanto.

Que bem e que doçura!  
Como eu adoro tudo,  
A vida como é pura  
Canto, soluço, de joelho e mudo!

Aves, parai, e ouvi-me  
Estrelas, céu radioso,  
O amor como é sublime,  
Como o amor deslumbra-me de gozo!  
(Idem, p, 126)

Eu amei-a, e quem ama nunca deixa  
De amar e sempre o seu amor recordo,  
Pois mais que faça ou queira ou vive ou mexa ...

Nunca se esquece! e aquele amor que um dia  
Vibrou-nos, sempre há de vibrar a cor da  
Estremecida por essa harmonia ...  
(Ib. Idem. p.11)

Nos poemas há impressões da vida e dos sentimentos, do poeta e das pessoas em geral.

Vida humana ridícula! parece  
Em tudo a vida semelhante a um fruto:  
Nasce, perfuma, colhe-se, apodrece.  
(Emiliano Pernet, 1945, p. 159)

Odiosa e banal incoerência!  
Que ironia de quem quer que nos urda

A comédia burlesca da existência.  
(Idem, p. 168)

Em *Ilusão e Outros Poemas*<sup>71</sup> várias são as alusões folclóricas, como em *Sol d'inverno*, onde aparecem símbolos ligados às credices, superstições (olhos 13, diabo, azar ...)

Olhos folhas tristes d'Outono,  
Olhos toque d'incêndio no ar ...  
Olhos carregados de sono,  
Olhos 13, diabo, Azar ...  
(Emiliano Pernet, 1966, p. 65)

No poema *Azar* há elementos folclóricos como: imprecações, maldições, religiosidade.

O povo reza, que doçura! É bom que reze!  
Pela tua alma ... Já são horas ... Quantas ... Treze.

.....  
Maldito seja quem Trono nem Reino, tem!  
Maldito seja o Rei! Maldito seja! Amém!

E a galope, a galope, o Cavaleiro esguio  
Vai pregar a outro Reino: a Doença, a Noite, o Frio!  
(Julho, 1898)  
Idem, p. 101.

No poema *Bruxa*, o símbolo folclórico da quiromancia<sup>72</sup>

### BRUXA

Veio uma bruxa um dia, e eu,  
Que nesse tempo era menino,  
Mostrei-lhe a mão: a bruxa leu,

<sup>71</sup> Emiliano Pernet. *Ilusão e outros poemas*. Rio de Janeiro: GRD, 1966. p. 65.

<sup>72</sup> Sistema de suposta adivinhação, pelo exame das linhas da palma da mão; *Dicionário da Língua Portuguesa*. Silveira Bueno, Rio de Janeiro: MEC, 1970. p. 1048.

Linha por linha, o meu destino ...

Leu tudo, leu, e após os olhos  
cerrando, exclama: é singular!  
Que destino cheio de escolhos,  
Altos e baixos, como o mar!

É singular, a bruxa diz,  
É singular; mas, ó criança,  
Espera e crê. Serás feliz,  
Muito feliz! Tem esperança!

(Emiliano Pernet, 1966, p. 102)

Os símbolos folclóricos fluem naturalmente na poesia de Emiliano Pernet e estão ligados a valores existenciais, ao mistério da vida e da morte.

### 5.2.3 - O Simbolismo Religioso

Os símbolos religiosos sintetizam valores culturais de um povo, suas disposições éticas e morais. Transmitem um sentido que ultrapassa o literal para atingir o transcendente, que leva ao mistério, ao sagrado, ao profano.

O ser humano é racional, criativo, sentimental e, sobretudo, espiritual. Esta natureza espiritual o conduz à religiosidade. A fé religiosa insere-se na realidade humana como uma intuição essencial.

Do ponto de vista sociológico, a religião é uma instituição criada em torno da idéia da existência de seres sobrenaturais e de suas relações com os homens. A religião supõe uma concepção a respeito da natureza da divindade, um conjunto de normas que conformem a vida humana à vontade divina.

Todas as manifestações de religiosidade exprimem sua relação com Deus mediante símbolos, na busca do sentido transcendente, da dimensão de profundidade interior.

Na obra poética de Emiliano a simbologia religiosa aparece em modelos específicos e autônomos:

- O politeísmo - forma primitiva de se conceber a manifestação da divindade. Os deuses são semelhantes aos homens. A presença da mitologia greco-romana, a grega, principalmente, por possuir uma completa hierarquia de valores míticos, abrangendo desde a genealogia dos deuses à exaltação dos grandes feitos humanos.

Zeus, a divindade maior, simboliza os princípios do poder político e da organização social. Outras divindades representando fenômenos naturais, idéias políticas e morais. A mitologia grega também deificava os heróis, filhos de um deus com uma mortal, como Hércules.

Emiliano Pernetá vê, no símbolo Hércules, a força do homem que o leva à luta. Em Vênus (Afrodite), um culto à beleza, ao amor; em Apolo (Deus do dia e do Sol, na mitologia grega, adotado também pelos romanos) a claridade, a vida e a beleza.

- O monoteísmo, a crença na existência de um só Deus. As religiões monoteístas mais importantes para a história ocidental surgiram no oriente próximo, entre as principais: o Judaísmo, o Cristianismo e o Maometismo.

- O Judaísmo, religião fundada por Moisés, que além de preconizar a união política do povo hebreu, proclamou a existência de um único Deus, Jeová, ao mesmo tempo que condenou a idolatria. A religião mosaica encontra seus fundamentos no Antigo Testamento.

- O Cristianismo, a religião cristã que se fundamenta nos ensinamentos de Jesus Cristo. De origem judaica, Cristo pregou a humildade e o amor ao próximo. Seus ensinamentos estão compilados no Novo Testamento.

Os símbolos bíblicos, imagens, idéias estão presentes ao longo da obra de Emiliano Pernetá, como, por exemplo, nos poemas: *Salomão*, *Versículos de Sulamita*; a figura bíblica de Salomé, com toda sua carga simbólica. O Cristianismo tem um símbolo decisivo para a compreensão da história e de Deus, que é Jesus Cristo.

Emiliano, em seus poemas, através de uma visão simbólica, busca o espiritual, o religioso, a oração, a fé em Deus, como em: *Oração Manhã*; *Oração da Noite*; *Vamos (Quando Jesus Nasceu)*; *Christe, audi nos*; *Louvado sejas tu*; *Por Maria*.

- Gnosticismo e deísmo - a religião gnóstica e deísta é a chamada natural, ou crença sem culto, onde Deus é uma força infinita, causa dos fenômenos da natureza. Produto do racionalismo, teve expressão máxima com Baruch (ou Benedict) Spinoza<sup>73</sup> (1632-1677) e Nicolas de Malebranche (1638-1715)<sup>74</sup>, no século XVII. Nos dias atuais, através de tendências holísticas e místicas da natureza, esta religião tem retornado.

O símbolo da natureza, o holístico está presente na obra de Emiliano onde ele desenvolve um panteísmo particular, em poemas como *Sol, No tronco de uma árvore, Sombra* e muitos outros.

- Irreligiosidade - irreverência em alguns poemas como: Oh! que ânsia de subir hoje mesmo a montanha; a *Mão* ("A mim, que nem sequer mais acredito em Deus? ...")<sup>75</sup>. A punição do herege (anticlerical).

O satanismo, influência do Simbolismo francês (leia-se Charles Baudelaire), é uma poesia irreverente e de revolta social, na qual figura o culto ao Diabo. O poema *A canção do Diabo*, de Emiliano Pernetá, é poema satanista onde o vate paranaense num tom irreverente simboliza suas angústias, sofrimentos. A irreverência religiosa que se infere do poema alude à descrença do poeta. Segundo Andrade Muricy "o seu demonismo era somente simbólico; a sua 'decadência', um estado de espírito curiosamente intencional"<sup>76</sup>.

O símbolo religioso na poesia de Emiliano é muitas vezes pagão (politeísta), outras cristão.

A presença de mitos greco-romanos ilustram simbolicamente o ideal clássico (helênico) que norteia a obra do poeta. São exemplos:

Por Júpiter<sup>77</sup>, no entanto eu juro que não posso  
Domar este furor, conter este alvoroço ...  
Por onde quer que eu vá, luz, desesperadora,

Eros<sup>78</sup> o coração me enfurece a toda hora

---

<sup>73</sup> Filósofo holandês.

<sup>74</sup> Filósofo francês.

<sup>75</sup> Emiliano Pernetá. *Ilusão e outros poemas*. Rio de Janeiro: GRD, 1966. p. 37.

<sup>76</sup> Andrade Muricy, Emiliano Pernetá. *Poesia*. São Paulo: Agir, 1966. p. 9.

<sup>77</sup> Mit. o pai dos deuses.

Desses desejos vãos, inquietos e raros,  
Que eu nunca vencerei, porque a beleza é fátua ...  
Assim pois, antes ser um triste cego, Vênus<sup>79</sup>

Ou possuir então esse prestígio, ao menos,  
De poder transformar-me, ó deuses, numa estátua  
Mais insensível do que o  
Mármore de Paros!  
(Emiliano Pernet, 1966, pp. 81 e 82)

O poema *Quando Jesus nasceu* mostra um profundo sentimento de  
cristandade:

Todos levantando-se, deslumbrados  
de mãos erguidas para o céu:

Louvido sejas tu! É a graça, é o pão da graça,  
Que baixou sobre nós, sobre esta humilde raça.

#### O Primeiro Pastor

Nunca, desde que existo, achei a natureza,  
De tão rico esplendor e tão rara beleza.  
Tudo vive, e palpita, e murmureja em festa:  
A cascata, o arroio, as fontes, a floresta.  
Tudo em ouro gorjeia, e reverdece, e canta:  
O ninho, a rosa, o verme, o lago, a fera, a planta.  
Tudo freme, e ondeia, e corre e se desliza:  
A água, a vida, o aroma, a cor, o som, a brisa,  
Tudo para o espaço abre o lábio risonho,  
E foge para a luz, e voa para o sonho ...  
Tudo vai para Deus, miraculosamente  
Num enlevo sem fim, num êxtase inocente:  
As árvores em flor, os pássaros, os ramos

Dando um passo adiante

Vamos, amigos meus, vamos depressa ...

Todos correndo:

Vamos!

---

<sup>78</sup> Mit. deus do amor na mitologia grega, corresponde a Cupido na mitologia romana.

<sup>79</sup> Deusa do amor sexual e da beleza, na mitologia greco-romana.

Meu Senhor, meu Senhor Morto, a teus pés feridos,  
Junto ao teu coração, que sangra e luz, enfim  
Eu me prosto, e ajoelho os meus cinco sentidos  
- Cinco feras, Senhor! Tem piedade de mim!

Oh! exquisita flor que se descobre:  
De viver entre os pobres como um Pobre,  
Entre os humildes como Jesus Cristo.  
(Idem, p. 61)

Entre lírios verdes, entre palmas bentas,  
Entre lírios brancos, fulge o teu altar ...  
Resplandecem lírios, onde Tu assentas,  
Ó Virgem Maria! desejo rezar!

Ó Virgem Maria! Mater Dolorosa!  
Minha alma a teus pés é uma criança a rir ...  
Que teus pés me calquem - brancos pés de rosa!  
Tão bem eu me sinto! deixa-me dormir ...  
(lb. idem p. 67)

Há símbolos para representar uma panreligiosidade, um sentido profundo de oração em vários poemas como, por exemplo:

### ORAÇÃO DA MANHÃ

Amanheceu ... A luz de um claro e puro brilho  
Tem a frescura ideal de uma roseira em flor:  
Antes de tudo o mais, ajoelha-te, meu filho,  
Ajoelha-te e bendize a obra do Criador

.....

Quando te punja a dor, quando te vença a mágoa,  
Que, às vezes, sobre nós, como uma flecha cai,  
Ajoelha-te e verás, os olhos rasos d'água,  
Meu filho, como Deus é um verdadeiro pai!

Tudo, o orvalho, o silêncio, o perfume, o cicio  
Do vento a segregar o seu nome feliz.  
À sombra que perpassa, a folha, a fonte, o rio.  
Tudo a murmura e quer, tudo a exalta e bendiz.

E esse aroma sutil era em tudo disperso,  
E esse raio de sol em tudo se introduz:  
Orar é se fundir no seio do universo,  
É se fundir em Deus, é se fundir em luz!  
(Março - 1919)  
(Emiliano Pernet, 1966, pp. 248 e 249)

Nas composições de Emiliano aparecem símbolos, imagens bíblicas, como neste sentido:

### SALOMÃO

Tudo o meu coração tem do rei Salomão  
A glória, e o furor, o orgulho e a crueldade;  
Não ambiciona dez, nem cem, nem um milhão,  
Mas a terra, e o mar, o céu, e a infinidade ...

Em tudo se parece, em tudo é seu irmão,  
O mesmo luxo até, a mesma vaidade,  
O mesmo fausto ideal, como asas de pavão,  
E esse requinte, enfim, essa ferocidade...

Quando soar, porém, a hora maravilhosa,  
Em que do alto de uma torre cor de rosa,  
Novo rei Salomão, ele, um dia, verá,

Entre poeira e sol, ao longe, a caravana,  
Onde em meio d'um régio esplendor, que se ufana,  
Fulge o diadema da rainha de Sabá?  
(Idem, p. 39)

#### 5.2.4 - Mito, Imagem e Símbolos

O mito pode centrar-se na imagem, na narrativa ou história, na apresentação simbólica, no místico. O mito aparece na Poética de Aristóteles como o enredo, a estrutura narrativa, a fábula, em oposição ao “logos”.

Para que se aborde o estudo do mito literário é mister levar em conta o mito propriamente dito. No criticismo contemporâneo o mito aponta uma gama de significações, particularmente na linguagem da mídia.

Mircea Eliade, historiador das religiões, in *Mito e Realidade*, entende o mito como uma realidade cultural complexa que pode ser interpretada a partir de várias perspectivas e propõe a seguinte definição para mito: “... o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”.<sup>80</sup>

Conforme Eliade, a história primordial reunida pela totalidade de mitos significativos explica a existência do mundo e do homem. O mito é narrativa de uma criação, “uma história verdadeira, porque sempre se refere a realidades”.<sup>81</sup>

Eliade cita como exemplo, o mito da origem da morte que é verdadeiro e é provado pela mortalidade do homem. A primeira função do mito é contar, a segunda é explicar as causas enquanto a terceira é revelar. O mito revela o ser, o deus e, por isso, pode ser apresentado como “uma história sagrada”.

Na época de iluminismo (séculos XVII e XVIII) o termo *mito* possuía uma conotação pejorativa, era uma ficção, portanto, não verdadeira. A partir do Romantismo predominam a concepção do mito à semelhança da poesia, como uma espécie de verdade. Adentro ao pensamento contemporâneo o apelo ao mito pode centrar-se em vários motivos como: a imagem, o social, o sobrenatural, o mítico, o religioso e o simbólico.

Para o literato, o poeta, a necessidade do mito é sinal da área de significados que ele quer evidenciar. Para muitos poetas o mito é o denominador comum entre a poesia e religião. Logo, a concepção que aqui se defende considera que o simbólico

---

<sup>80</sup> Mircea Eliade, *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 11.

<sup>81</sup> *Ib. Idem.*

está centralmente presente no mito, representando a atração da poesia pelo social, onde se insere o religioso.

As imagens em Emiliano Pernetá são visualizáveis, são emblemas ou símbolos, têm um caráter literário, uma visualização pictórica (natureza como pano de fundo), uma interioridade (pensamento metafórico) aliados a uma musicalidade. O imaginário mítico projeta a personalidade do autor no mundo, anima e anima a natureza. Muitos dos temas explorados na obra poética de Emiliano impelem o poeta para a imagística simbólica, como por exemplo a vida, o amor, a evasão, a morte.

A imagística é um assunto que pertence tanto à Psicologia como à Literatura. Imagem, para a Psicologia significa uma reprodução mental, uma recordação. A imagem literária pode ser visual, analítica ou psicológica. Nas poesias de Emiliano pode-se observar que o ambiente é frequentemente uma metáfora ou um símbolo: o sol, o mar, a montanha, a noite.

O mito que se insere na obra literária é literário. Um mito literário pode ilustrar um tema, como, por exemplo, D. Juan. Tirso de Molina (c. 1584-1648), dramaturgo espanhol, de estilo barroco, monge da ordem dos mercedários fez a primeira versão teatral<sup>82</sup> da lenda espanhola de Don Juan, de origem incerta. Molina traçou as linhas-mestras do enredo e caracterizou a alma do famoso personagem lendário. Don Juan é o símbolo do homem mulherengo e irreligioso, contudo corajoso e belo.

Muitos autores trouxeram esse mito para a literatura como Molière, Lord Byron e Emiliano Pernetá, entre outros; na música, Mozart escreveu com esse tema a grande ópera; Richard Strauss, um poema sinfônico.

Com o mito D. Juan, Emiliano traz o símbolo do erótico, do sensual, da paixão e da vontade de viver. São exemplos os poemas: *D. Juan, não sei que poeta ...*; *D. Juan, mas porque foi*; *um dos sonetos de D. Juan*; *Outro soneto de D. Juan*; *Ainda outro do mesmo autor*; *Ainda outro*; *E finalmente o último*.

## D. JUAN

Sensível, como quem podia ser, apenas

---

<sup>82</sup> Na comédia *El burlador de Sevilla*. Fonte: Enciclopedia Barsa, op. cit., 1987. p. 179.

Mais vão do que uma sombra um gesto perpassou,  
E logo desse herói, revoltas as melenas,  
Brilhava o estranho olhar, que tanto ambicionou ...

Era uma confusão. Pálidas e morenas,  
Cada qual, cada qual, como Deus a formou,  
Não foi uma, nem dez, porém foram centenas  
As mulheres por quem D. Juan desesperou ...

Todas, todas que viu, ele mordeu de beijos,  
Enraiveceu de amor, poluiu de desejos,  
Tomado de furor, doido d'embriaguez ...

Um delírio! Porém, d. Juan era um artista,  
E portanto cruel, nervoso, pessimista,  
E de resto, o infeliz nunca se satisfaz!  
(Emiliano Pernetá, 1966, p. 73)

O mito literário é o que a literatura registra. No poema *Hércules*, de Emiliano Pernetá, a figura mítica do herói grego representa a força, a crença no homem e na sua realização.

## HÉRCULES

Homem, acorda! O sol, como um fruto de Outubro,  
Acaba de explodir no seio de uma flor,  
Mais álcrc, porém, mais ardente e mais rubro,  
Com toques de clarim, com rufos de tambor ...

Tudo acordou, a abelha, o plátano e a rosa,  
A folha, à brisa, o lago azul, a estremecer,  
Ao fogo dessa boca, ideal, voluptuosa,  
Como se a terra fosse, ó sol, uma mulher ...

Nos espelhos do mar, de grande voz sonora,  
Nesta manhã sutil e de um louro saxão,  
As naus, que vão partir por esse mundo fora,  
Miram vaidosamente as caudas de pavão ...

Homem, levanta e vem para a campanha rude,  
Ergue-te para a luz, ergue-te para o bem,  
Tu que inda sentes n'alma o ardor da juventude,  
A sede desse azul, a fome desse além ...

Homem, levanta! Esquece a perfídia medonha,

O desígnio feroz de Juno, quando quis  
No teu sangue inocente a baba e a peçonha,  
Um dia inocular, de monstros e reptis ...

Homem forte, homem são, homem rude e diverso  
Dos outros, vem mostrar que tu tens ideais;  
Vem carregar aqui o peso do Universo  
Sobre esses ombros nus, rijos e colossais ...

Vem manejar o estilo, em prol dalguma idéia,  
Vem fazê-lo vibrar intenso, como se  
Vencesse o leão rugidor da Numéia,  
A hidra feroz de Lerna, o bruto javali ...

Toma o alvião, a trolha, o rumo do levante,  
E obreiro justo e bom, a cantar e a rir,  
Corre por toda parte, ó novo bandeirante,  
A edificar depressa as pátrias do porvir ...

Vai ao Cáucaso e rompe esse grilhão profundo,  
Que ao legendário deus vincula os membros nus:  
Espancar um abutre, é iluminar o mundo,  
Libertar Prometeu, é libertar a luz!

Mata o dragão da inveja e despreza os apodos;  
E entrando no jardim, que de longe entrevês,  
Rouba-lhe os pomos d'ouro: a glória é para todos  
Que têm o gênio, a força, o sonho, a embriaguez ...

Vitorioso, após, com todos os excessos,  
Alma essa Dejanira ... O amor sempre é mendaz,  
Sempre há de ser o amor a túnica de Nessus:  
Furor de se abrasar numa chama voraz ...

Tu que um dia abateste o mais bravo dos touros,  
Nessa batalha vã, sucumbes afinal,  
Mas belo, como um deus, coroado de louros,  
Homem Libertador! Hércules imortal!

(Emiliano Perneta, 1966, pp. 224 e 225)

No poema, *Azar*, o cavaleiro corre pregando a Morte. Essa imagem, conforme Alfredo Bosi<sup>83</sup> reveste o mito judaico de Aasverus.

## AZAR

---

<sup>83</sup> Bosi, A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 283.

### *Ao Silveira Netto*

A galope, a galope, o Cavaleiro chega:  
Rei, ó meu bom senhor! Com tua filha cega.

- Hoje, teu adivinho assim traçou no ar:  
A frota d'El-Rei perdeu-se no alto mar!

Eu, ao descer a noite, ouvi cantar o galo:  
Foi a Rainha que fugiu com um teu vassalo.

Teus exércitos, oh! as brônzeas legiões,  
Morreram nos areais da Líbia como leões!

Nos teus domínios sopra o vento Noroeste:  
A mangra, o gafanhoto, a seca, a alforra, a peste.

Uivam! Lobos? O Mar? O Vento? O Temporal?  
Não. É a plebe que arrasta o teu manto real.

Lá vêm as três, ó Rei, lá vêm as três donzelas ...  
Tende piedade, meus irmãos, orai por elas!

Vêm tão brancas dizer que as noras sensuais  
D'El-Rei mataram seus maridos com punhais.

Tuas pratas, teu oiro, e mais ricas alfaias, ...  
Roubam do teu palácio os fâmulos e as aias.

Teu diadema, o ceptro, as plumas e os Broquéis,  
Em poeira, e sangue, e sob a pata dos corcéis!

O povo reza, que doçura! É bom que reze!  
Pela tua alma ... Já são horas ... Quantas? ... Treze.

Maldito seja quem Trono nem Reino tem!  
Maldito seja o Rei! Maldito seja! Amém!  
No vinho que te dão, e no teu melhor pomo,  
No manjar mais custoso, onde entre o cinamomo,

Na linfa clara, vê, no leito ebúrneo, sei,  
Nas palavras, no ar, dão-te veneno, Rei!

Ouvm os Arlequins missa, todos de tochas,  
E estão vestidos de sobrepelizes roxas.

Resmungam baixo teu nome as velhas, e assim  
Queimam em casa, cruz! A palma e o alecrim.

Estão rezando por ti muitos padre-nossos;  
Os cães estão, porém, à espera de teus ossos.

Ó ventos! ó corvos! que estais grasnando no ar!  
Eis o cadáver do bom Rei de Baltazar!

Dlom! dlem! dlom! dlem! Ouve, bom Rei, de serro a serro.  
Os sinos dobram, ai! dobram por teu enterro.  
Ó ventos! ó corvos! que estais grasnando no ar!  
Eis o cadáver do bom Rei de Baltazar!

Ventos, ó funerais! ventos, lamentos roucos,  
Ó ventos roucos, ó redemoinhos loucos!

Dlom! dlem! dlom! dlem! Bom Rei, teus ossos não são teus.  
Nem o teu trono é teu! Louvado seja Deus!

Nem a tua lama é tua, ó Rei, depois de morto,  
Pois demônios estão dançando num pé torto!

Maldito seja quem Trono nem Reino tem!  
Maldito seja o Rei! Maldito seja! Amém!

E a galope, a galope, o Cavaleiro esguio  
Vai pregar a outro Reino: a Doença, a Noite, o Frio!  
Julho – 1898.

(Emiliano Pernetá, 1966, pp. 100, 101 e 102)

**O mundo mitológico é caminho para penetrar nos elementos essenciais das crenças, religiões e costumes. No mito estão os valores do espírito humano, as ilusões, os temores, as paixões. O mito, em Emiliano Pernetá, tem uma força especial, vai além da fantasia, sua simbólica dá aos elementos da natureza, especialmente ao sol, o sentido parabólico dos mitos.**

Emiliano Pernetá publicou *Pena de Talião* (1914), uma peça em três atos, em versos. Nessa obra está o mito de Cefale e Procris. Renato Almeida<sup>84</sup> cita a explicação do mito de Cefale e Procris, feita por F. Baudry (1874): “... sob a forma de uma história de amor e ciúme terminada por um assassinato involuntário, naturalmente se disse: Cefale ama Procris, filha de Herse (isto quer dizer o sol de cabeça luminosa ama a gota de orvalho na qual se reflete todas as manhãs). Eões ama Cefale (a Aurora ama o Sol, de cujos braços se desprende todas as manhãs). Cefale mata Procris (o Sol absorve e destrói o orvalho)”.

---

<sup>84</sup> Almeida, Renato. *A Inteligência do folclore*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1974. p. 128.

## PENA DE TALIÃO

Peça em três atos, prólogo e epílogo de que são exemplo esses versos:

### PRÓLOGO

Aurora, do alto de um cômodo de areia, fala com Céfalos, que ia passando e se detém para ouvi-la, de braços cruzados, com as suas vestes e armas de caçador.

### CÉFALO E AURORA

Aurora:]

Céfalos, ainda uma vez, olha bem para mim:  
Conheces, por ventura, outra mulher, assim,  
Que tenha este meu ar senhoril, que possua  
Este gesto ideal, esta beleza nua,  
De um brilho tão sutil, de um tão linda cor,  
Que, onde quer que apareça, é um rufo de tambor?  
Foge o silêncio, o medo, o espectro; a sombra. Tudo  
Estremece e acorda. O mar bravo e sanhudo,  
Dentro de seu covil, atira-se através  
Desse mole areal e vem beijar-me os pés,  
Ganindo, como se fosse um cão, a torcer  
O dorso, a sacudir a cauda, de prazer.  
Tudo acorda e murmura, o lago azul, que espelha,  
Tudo chama por mim, pela irradiação  
Deste meu corpo astral, em seu anseio vão!  
Há A erva do campo, o inseto, o vento, a folha, a abelha  
palavras no ar, cheirosas como um fruto,  
Do esquisito sabor, e que só eu escuto ...  
Há soluços de amor, há frêmitos de luz:  
Palpitam corações, erguem-se braços nus ...  
E por onde eu me vou, por todo esse infinito,  
Sempre diante de mim, há uma surpresa, um grito.  
Tudo, Céfalos, pois, tudo, tudo me quer,  
Menos tu! E por quê?

CÉFALO:

Porque amo outra mulher!

AURORA:

Um astro deve ser, de certo, essa criatura ...

CÉFALO:

Astro não, porém flor do campo, flor obscura ...  
Mas eu a quero bem, e quando a gente, vês?  
Ama, é como se fosse em completa embriaguez,  
Tudo vê através ...

AURORA:

De uns vidros de luneta ...

CÉFALO:

Não rias ... Através dos olhos de um poeta ...  
E por essa razão, de uma outra, não sei eu,  
Que tenha sobre mim, como a lira de Orfeu,  
Força de me atrair, ao sabor do desejo,  
Como uma flor atraí para junto de si,  
Cataliticamente, um doido colibri ...  
E o Dom de me possuir, como tu me possuis,  
Prócris, ó meu amor, com teus olhos azuis,  
Elevando-me, assim, por esses altos céus,  
Onde eu me sinto, bem como se fosse um deus!

(Aurora desce rapidamente do cômodo, às últimas palavras de Céfalos,  
e desaparece)

Desce o pano

.....  
.....  
Vozes:

Nós queremos te ouvir, Aminto!

- Júpiter quer te ouvir!
- Fala!
- Aminto!
- É um poeta!
- E distinto!

***Aminto levanta-se no meio de uma salva retumbante de palmas***

AMINTO:

Céfalo e Prócris, ergo a minha taça,  
Para beber, amigos, à saúde  
À glória, à força, à primavera, à graça,  
A frescura, à beleza e à juventude ...

Da minha vida no correr da viagem,  
Extraordinária viagem de um artista,  
Eu tudo vi; mas a melhor paisagem,  
A que mais me feriu a alma e a vista,

Não foram serros e não foram mares,  
Nem vales, nem cidades tumultuosas,  
Mas somente esses lúbricos olhares,  
Esse esplendor de formas voluptuosas ...

Fundi-vois, pois, no amor. É o que nos resta  
Ainda de bom, por estes belos dias;  
Quem ama, vive numa eterna festa,  
Porque a beleza é a flor das alegrias.

Nos róseos lábios da mulher, que se ama,  
No seu contacto de veludo e arminho,  
Há mais embriaguez e há maior chama  
Do que em todos os citados de vinho ...

Como dois faunos ébrios e aloucados,  
Atirai-vos atrás dessas quimeras,  
Dessas doidas volúpias, enramados  
Das rosas e dos mirtos e das heras ...

Envolvei vosso amor com a natureza,  
Mas envolvi-o numa tal mistura,  
Que os vossos beijos tenham a beleza,  
Tenham a graça, tenham a verdura,

O gosto e o sabor e o próprio cheiro,  
E as mesmas festas e as mesmas cores  
Do olmo, e álamo, e cedro, e amendoeiro,  
Dos campos, e das frutas, e das flores ...

Fazei ei do amor uma canção querida,  
É isso o que de mais puro vos desejo;  
E que possais dizer, no fim da vida,  
Que a vida foi um luminoso beijo;

Que os vossos dias foram como as rosas,  
E as vossas noites, lânguidas e belas,  
Noites de prata, noites riosas,  
Inúmeras e finas, como estrelas! ...

Explosão de palmas. Vivas a Prócris, a Céfalos, a Zeus, a Amintós.

.....  
Apertando o dardo na mão:

Em verdade, nasci sob um bizarro signo,  
Debaixo da impressão de um signo bem maligno ...  
Eu sei que o Aeropago é justo e me condena ...  
Mas antes que me aflija a ignominiosa pena,  
O exílio ou a prisão, cruel destino avesso,  
Eu próprio vou me dar a pena que mereço!

Desfecha um golpe sobre o coração e cai morto, junto do cadáver de Prócris.

## DESCE O PANO

(Emiliano Pernetas, 1966, pp. 163, 164; 176 a 178 e 217)

Em *Pena de Talião*<sup>85</sup>, Emiliano recorre a símbolos para traduzir sentimentos humanos: amor, alegria, angústia e dor.

Na obra de Emiliano há um simbolismo ligado à natureza humana – suas imagens para representar a vida, os amores recriam no leitor, através de uma associação de símbolos, uma emoção sentida pelo poeta.

No poema *A fome de Erisícton* aparece o lado da angústia humana; a fome sem fim do personagem da mitologia grega simboliza o poeta, infeliz, remoendo em dor, por um objetivo não alcançado, um amor não correspondido.

### A FOME DE ERISÍCTON

Meu coração é como esse infeliz que um dia

---

<sup>85</sup> Cfr. Revítico. Êxodo.

Ceres, p'ra o castigar, deu-lhe fome roaz,  
Deu-lhe uma fome tal que quanto mais comia,  
Mais queria comer e não ficava em paz.

Era a fome canina, era o horror e a fúria,  
De tal maneira que todos os bens vendeu,  
E reduzido enfim a uma extrema penúria,  
Vendeu o que era seu o que não era seu ...

.....  
Davam-lhe de comer, porém, doentia e louca,  
Queira devorar o mundo de uma vez,  
O olhar como um demônio, escancarada a boca,  
Tomada de um furor bestial de embriaguez.

E tanto desejou, afinal, e tanto ela  
Pedi, e soluçou, e ambicionou, e quis,  
Que não havendo mais com que satisfazê-la,  
Deu em se devorar a si própria, o infeliz!  
(Emiliano Perneta, 1966, pp. 116 e 117)

Muitos símbolos usados por Emiliano são imagens oníricas, outros, de estados de êxtase, embriaguez. O vinho simboliza esse estado de coisas.

Erasmio Pilotto<sup>86</sup> denominou a poesia de Emiliano de *dionisíaca* fundamentando que a evolução poética desse autor recorda Dionísio<sup>87</sup> (Dioniso).

Emiliano Perneta caminha do tédio, dos problemas existenciais, em direção a algo que represente poderes mágicos, um mito capaz de servir ao sonho, à realidade, talvez mostrar a ambigüidade da vida. Na poesia de Emiliano está presente o sonho do homem de gozar a vida da melhor maneira possível, o prazer de viver.

Desde que comecei a te olhar, de tal modo,  
Com tal encanto, com tal êxtase sorri,  
Que tudo que eu amei, mas doido, como um doido.  
Este símbolo até por quem me debati.  
(Emiliano Perneta, 1966, p. 42)

---

<sup>86</sup> Pilotto, E. Emiliano. Curitiba: Gerpa, 1945. p. 125.

<sup>87</sup> Dioniso – Divindade do vinho e da embriaguez, filho de Zeus e de Sêmela, filha de Cadmo. Representavam-no na mitologia grega, seguido de um cortejo de sátiros, bacantes, silenos, etc. Contribuiu para a introdução dos mistérios. Identificado com Baco. Fonte: Enciclopédia Barsa, São Paulo: Enciclopédia Britânica Ltda, 1987. Índice. p. 174.

E ela: Que doce por aquela estrada  
Pesar agora em luz! Feliz quem ama,  
Como eu amo esta vida, que é tão bela.  
(Idem, p. 51)

Em *Pena de Talião*, lê-se:

Abraça as ninfas, beijando ora uma ora outra. Explodem palmas e vivas a Zeus, a Vênus e a Dionisos.

Nua! Essa corça nua é branca, e é como a lua ...  
Ser eu Apolo! embriagá-la do meu vinho!  
Porém se estendo no ar os meus braços, recua,  
Esquiva a dama apressa o passo miudinho ...  
(Ib. idem, p. 180)

Na obra de Emiliano a mulher é simbolizada como: lírio do campo, flor-de-lis, tendo sua imagem identificada com a natureza; como mulheres – mito, deusas: Afrodite, Vênus, Diana, Juno. E ainda, donzelas, senhoras e santas.

O símbolo erótico-sensual ligado à presença feminina inclui-se no tema do amor, são as Messalinas, Sulamitas, Gatas, Loiras, Morenas (mulheres lindas e fatais).

Quando eu aperto assim mais leve que uma pluma,  
Ó meu desejo bom, ó minha flor de liz,  
Esse teu seio nu, de carne que perfume,  
Em abraços, em beijos loucos e febris.  
(Emiliano Pernetá, 1966, p. 56)

Concede-me Vênus  
Espuma do mar,  
Concede-me ao menos  
Que te possas amar

.....

Tudo quanto veio  
De bem e de mal,  
Veio de teu seio,  
Deusa sensual.  
(Idem, p. 180)

Mas ó perfídia negra das hienas!  
Sabes que o teu perfume é uma loucura:

- E o concedes; que é um tóxico: e envenenas  
Com uma tão rara e singular doçura!  
(lb. idem, p. 50)

E cada vez mais se reclina  
Sobre esses coxins de veludo,  
Sorrindo como Messalina  
Para todos e para tudo ...  
(Emiliano Pernetá, 1966, p. 68)

Quando outro dia eu andei  
Por esses mares remotos,  
P´ra me escapar, e escapei,  
Que grandes e ardentes votos  
Eu fiz, senhora Sant´Ana,

Que és a mãe, se não me engana,  
Mãe dos pobres pescadores,  
Dos que vivem a pescar  
Os enganós e as dores,  
Por essas ondas do mar ...  
(Idem, p. 91)

### 5.3 - A Peculiaridade do Simbolismo de Emiliano Pernetá

A maneira caracteristicamente poética de empregar a linguagem, os recursos, os símbolos imprimem um tom singular à criação artística de Emiliano Pernetá. A maturidade do poeta se impõe pelo saber poético, pela dimensão lírica, jogo de imagens, enfim, um todo harmônico onde a imaginação e a expressividade evidenciam um modo particular de ser.

Na obra poética de Emiliano Pernetá tem muito de biográfico e pessoal. Seu conteúdo temático focaliza o drama existencial humano a partir de sua vivência individual. A simbologia surge de uma forma natural; os símbolos sugerem, ilustram, apresentam o homem dentro de seu mundo, seu universo psíquico.

O universo humano resume-se na vida, o amor, o sofrimento e a morte – são valores existenciais, é o destino do homem, o fim inevitável de um processo natural. É o mundo de ilusões, de juventude, inocência e o mundo real da realidade, da desilusão.

O simbolismo na obra tem um sentido, uma dimensão própria, a procura da luz, do Sol – o símbolo da natureza – e conseqüente valorização da vida, do homem.

Emiliano simboliza a vida nos seus momentos de prazer e de dor com realismo, não escondendo o sensual, o erótico, onde o desabafo pode vir até com termos pesados. É um traço que o diferencia de outros autores simbolistas.

O vocabulário apropriado, as imagens, o estilo, a interpretação singular do mito, as irreverências, a paisagem local, tudo torna original e determina a especialidade da poesia de Emiliano Perneteta.

## 6 - O POÉTICO EM EMILIANO PERNETA

### 6.1 - O Estilo Simbolista

No estudo do poético em Emiliano Perneteta procurou-se descrever e explicar o fazer poético, o texto definido pela organização, criatividade e o seu estilo de obra.

Charles Bally, focalizando o estilo em todo o fato da língua, criou a Estilística – o estudo dos meios de expressão. Considerando o valor afetivo – emocional da linguagem, ele define a Estilística<sup>88</sup>. “La stylistique étudie donc les faits d’expression du langage organisé au point de vue de leur contenu affectif, c’est-à dire, l’expression des faits de la sensibilité par le langage et l’action des faits de langage sur la sensibilité”<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> Bally, Charles. *Traité de stylistique française*. Op. cit., 1951, p. 16.

<sup>89</sup> A estilística estuda, portanto, os fatos da expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto quer dizer, a expressão dos fatos da sensibilidade através da linguagem e pela ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade.

A palavra estilística advém dos clássicos – existia a noção em Platão e Aristóteles (Poética) como estudo dos recursos de expressão da língua. Bally, discípulo de Saussure, posiciona a Estilística como ramo da Lingüística capaz de inventariar potencialidades individuais.

A Estilística estuda o estilo. O estilo de língua é inesgotável. Cada época tem seu estilo, que é social. No último quarto do século XIX surgiu, na França, um estilo de época para representar a reação artística à onda de materialismo e cientificismo que envolvia a Europa desde a metade do século, o estilo simbolista, que buscava valores e ideais ignorados ou desprezados como: espiritualidade, transcendência cósmica, culto ao bem, ao belo, ao sagrado. O estilo de época condiciona as escolas literárias. Existe o estilo de obra, de cunho pessoal, fornecido pelo discurso.

Na expressão poética de Emiliano Pernetta tem-se estilo de língua: Português; estilo de época: Simbolismo e estilo da obra: Emiliano Pernetta.

Segundo Back & Mattos “a Estilística é sempre significativa, importa sempre no aparecimento de novo significado”. Cabe ao escritor genial a construção original e única porque “a linguagem é instrumento de vida e é o estilo que lhe dá o sangue necessário para vencer e convencer, mover e comover o ouvinte”.<sup>90</sup>

Na obra de Emiliano Pernetta a imaginação, o onírico e a fantasia são uma constante. As imagens simbólicas comunicam estados de espírito, emoções ao leitor. É poeta de uma sensibilidade profunda, melancólica, é triste e introspectivo.

A vida na poesia de Emiliano é exaltada, é um sonho, como o próprio poeta escreve:

E por isso também, por isso é que eu suponho  
Que a vida, em sua, é um grande e extravagante sonho,  
E a Beleza não é mais do que uma Ilusão.<sup>91</sup>

O poeta usa a vida passada como símbolo da felicidade perdida no presente, da juventude que se foi, dos amores.

---

<sup>90</sup> Gramática Construtural da Língua Portuguesa. Op. cit., 1972, p. 729.

<sup>91</sup> Ilusão e outros poemas. Op. cit, 1966, p. 31.

## DOLOR

Morreste, velha, que íntima agonia!  
Como um agoiro o vento ulula e chora!  
E ao ar da noite lúgubre e tão fria,  
A minha alma tristíssima descora...

Nas longas noites de melancolia,  
Não mais hei de te ouvir a voz sonora,  
Que no profundo côncavo entreabria  
Da minha vida um resplendor de aurora!

Passado, em cada pedra escuto a fala  
Da infância, que o meu peito despedaça ...  
E a pedra, às vezes, inda eu vou beijá-la!

E o vento chora músico e funéres ...  
Como esta vida se consome e passa!  
Atrás, todo o caminho e um cemitério.  
(Emiliano Perneta, 1945, p. 121)

## PAPÉIS VELHOS

De novo as velhas páginas tu fitas,  
Vagas, sem ritmo e luz, nem florescência,  
Louváveis só por terem sido escritas  
Na quadra sideral da adolescência

E lêe e a cada frase vã meditas,  
Sentindo aquela doce e grata essência  
Das lembranças de um século infinitas ...  
Que brinquedo foi pois esta existência?

Nada contam-te os versos, no entretanto  
Lendo-os, um choque súbito te prende  
E te transporta para antigas eras ...

Doiram-te sóis, e aos teus ouvidos canto  
Longo vem do passado que recende  
O olor ideal de velhas primaveras.  
(Idem, p. 127)

O sonho simboliza a visão do poeta, a representação de seu imaginário, sua solidão, suas quimeras.

Que a vida, em suma, é um grande e extravagante Sonho.  
(Emiliano Pernetá, 1966, p. 31)

## SOLIDÃO

Desde os mais tenros anos, Solidão  
Que adivinhei que eu era teu irmão

Onde quer que eu, andando, te encontraste,  
Ó sombra, o sonho, ó ilusão falace.  
(Idem, p. 59)

## VI

Que outro desejo bom, que me cative,  
Eu poderei achar, laços fatais,  
Se naquela prisão, onde eu estive,  
E onde quisera estar, já não estais?

É de esperança, eu sei que o homem vive,  
E é de quimera e sonhos imortais,  
Mas, se o que desejei, eu não obtive,  
Que outra fortuna posso querer mais?  
(lb. idem, p. 63)

A morte para o poeta é marca do destino, vista como inevitável, natural, apresentando aspecto cristão, isto é, junto a Deus .

## LÁ

Quando eu fugir, na ponta duma lança,  
Deste albergue noturno, em que me vês,  
Não sei que sonho vão, nem que esperança  
Vaga de abrir os olhos outra vez ...

Porque a esperança doce, de criança,  
D'inda os poder abrir na placidez  
D'uma nuança mansa que não cansa,  
Lá, para além dos astros, lá, talvez?

Há de ser ao cair do sol. Erecto,  
Tal como sou, rudíssimo de aspecto,  
Mas tão humilde, e teu, e se te apraz,

Eu te verei entrar, suave sono,

Nesses veludos pálidos de Outono,  
Ó Beatitude! Angelitude! Paz  
(Emiliano Pernetá, 1966, p. 230)

### CREIO

Eu creio. Pude crer. Ah! finalmente pude,  
Rompendo das paixões o espesso torvelinho,  
Vibrando de prazer as cordas do alaúde,  
Ver a estrela da fé brilhar em meu caminho.

Beijo embriagador! Oh! fogo que me abrasas!  
Quanto me faz febril a idéia de ter asas,  
E de poder fugir para a infinita luz!

.....  
(Idem, p. 243)

Quero dormir, Senhor, um sono de tal sorte  
Que seja como se fosse um sono de morte.

Vento, chora por mim teu desespero, irmão,  
Teu desespero, Vento, é como um canto-chão.

Cipreste, canta o hino da ansiedade  
O teu hino feral parece a tempestade.

E que bom de morrer, quero dizer dormir,  
Ouvindo a chuva sobre a telha-vã cair ...

Oh! que anseio! oh! que anseio! oh! que anseio! o! que anseio!  
Abre-me o seio, Dor! Sepulta-me em teu seio!  
(lb. idem, pp. 246, 247)

### IN EXTREMIS A Rocha Pombo

I

Agora finalmente percebendo  
Tudo eu vou, vou chegando à extremidade,  
Agora enfim, agora enfim compreendo  
Todo este vácuo, toda a realidade!

.....  
Nada mais neste mundo ambicionado,  
E apraz-me até fitar o lugar onde

Hei de dormir o derradeiro sono!

(Emiliano Pernetá, 1945, p. 150)

Muitas vezes mostra um lirismo sensual, erótico, irreverente.

Sonhei. Pude sonhar. Não há nada no mundo  
Que seja para mim de um gozo mais profundo.

Pude sonhar ao pé dos altos eucaliptos  
Os sonhos que mais amo, os sonhos infinitos.  
(Emiliano Pernetá, 1966, p. 223)

Nunca me hás de querer, batendo-me por ti,  
Pomo d'uma discórdia infrutífera, beijo  
Todo em fogo, e a arder, assim como um rubi ...

Mas é por isso que eu, ó desesperação,  
Amo-te com furor, com ódio te desejo,  
E mordo-te, Ideal, e adoro-te, Ilusão!  
(Idem, p. 228)

### SÚCUBO

Desde que te amo, vê, quase infalivelmente,  
Todas as noites vens aqui. E às minhas cegas  
Paixões, e ao teu furor, ninfa concupiscente,  
Como um súculo, assim, de fato, tu te entregas ...

Longe que estejas, pois, tenho-te aqui presente,  
Como tu vens, não sei. Eu te invoco e tu chegas,  
Trazes sobre a nudez, flutuando docemente,  
Uma túnica azul, como as túnicas gregas ...

E de leve, em redor do meu leito flutuas,  
Ó Demônio ideal, de uma beleza louca,  
De umas palpitações radiantemente nuas!

Até, até que enfim, em carícias felinas,  
O teu busto gentil ligeiramente inclinas,  
E te enrolas em mim, e me mordes a boca!  
(Ib. idem, p. 144)

O estilo de Emiliano é próprio, sua poesia variada, vivencia conflitos humanos, insatisfações interiores, o sentido do mistério e religiosidade. O poeta estabelece o suporte para a poesia simbolista mas enuncia novos ideais artísticos, compondo suas estrofes com um modo particular de ser e sentir o mundo que o cerca.

#### 6.2 - Os Títulos

No propósito de esclarecer a natureza do poético em Emiliano Pernetá é mister o estudo dos títulos dados às suas composições.

Vários autores entendem que a abordagem do título na análise literária é de grande importância.

Para L. S. Vygotsky “o título de uma obra literária exprime o seu conteúdo e completa o seu sentido, num grau muito superior do que o nome de uma pintura ou de uma peça musical”<sup>92</sup>.

Um título infere a relação básica que vai marcar todo o texto, a intenção do autor.

Emiliano Pernetá intitula seus livros: *Músicas* (1888); *Ilusão* (1911); *Pena de Talião* (1914) e *Setembro* (publicado postumamente, em 1934).

Em *Músicas* – reflete o ideal Simbolista quanto à musicalidade. Pela música inerente ao verso os poetas do Simbolismo procuravam enriquecer o poema de sugestão. Na abertura do livro o autor colocou o pensamento de Schiller: “Eu, quando estou para compor, sinto uma disposição musical”.<sup>93</sup>

O título da primeira parte do livro *Músicas, Triviais*,– remete ao trivial, com cantos de amor. A segunda parte do livro, *Histórias Sem Fim*, como o nome sugere.

Erasmus Pilotto, comentando esse primeiro livro de Emiliano observa que:

“Pois, as poesias de *Músicas*, mesmo quando não conseguem plenamente se colocar dentro de um tal feitio, a gente sente que é a isso mesmo que elas aspiram, é para lá que se dirigem, é desse modo que se desfiam como aquelas histórias sem fim. Emiliano deu naquele título a definição de sua poesia”<sup>94</sup>.

*Ilusão* é o título de outro livro. Segundo Nestor Victor: “Ora, o que representa na maioria de suas páginas a *Ilusão* é um diário de amor”<sup>95</sup>.

Cassiana Lacerda Carollo comentando a obra de Emiliano Pernetá, considera que: “A relação arte – ilusão evidencia-se em toda obra, mesmo nos versos da primeira década do século (principalmente até 1907)”<sup>96</sup>.

---

<sup>92</sup> Vygotsky, L.S. Pensamento e linguagem. Op. cit., 1993.p. 126.

<sup>93</sup> Pilotto, E. Emiliano. Op. cit., 1945. p. 128.

<sup>94</sup> Idem, p. 130.

<sup>95</sup> Nestor Victor. Op. cit. 1979, p. 432.

O ponto de partida da obra *Ilusão* é o drama existencial onde Emiliano produziu uma poesia variada, com tom melancólico, de recordação, de viagens ilusórias, versos sensuais, procura do belo; tudo dentro de um tom personalíssimo.

No poema *Solidão* lê-se:

Ó ilusão, ó mãe das ilusões,  
Filosofias e religiões  
Mãe de tudo que é belo e que irradia,  
Mãe do Silêncio e da Sabedoria.  
(Emiliano Pernet, 1966, p. 60)

*Pena de Talião* é um poema dramático, caracterizado por um helenismo, onde as personagens são enquadradas em um ambiente clássico (grego). É a trágica história de amor, entre Céfalos e Procris.

O título é o que se infere do final, onde Céfalos se pune dando a pena que acreditava merecer – a morte, uma vez que matou Procris; portanto, aplicando a pena de talião, ou seja: a pena que consistia em vingar um delito, causando ao criminoso dano ou mal semelhante ao que ele praticara. É a lei do olho por olho, dente por dente.

Na obra *Setembro*, a primeira poesia, com o título *Setembro*, é um canto à primavera

Eu ontem vi chegar, quase que a noitezinha,  
Apressada e sutil, a primeira andorinha ...

É a primavera, pois, em flor, que se anuncia,  
É Setembro que vem, bêbado de ambrosia,

.....  
(Emiliano Pernet, 1945, p. 75)

*Setembro* engloba composições escritas entre 1897 a 1920.

A escolha dos títulos é parte componente da poética de um autor e é importante para a análise da obra.

---

<sup>96</sup> Cassiana Lacerda, *Ilusão e outros poemas*. Edição crítica. Op. cit., 1966. Introdução, p. XXVIII.

Emiliano intitulou seus livros dentro de uma ordenação lógica; os títulos dos livros resultam de títulos de poemas ou versos. *Ilusão* tem sua origem em um verso do poema que abre o livro: “E a beleza não é mais do que uma Ilusão!” (Emiliano Pernetá, 1966, p. 221).

O poema de abertura da obra *Músicas é Música Íntima. Setembro* decorre do título homônimo do primeiro poema do livro e de outros versos desse poema.

É Setembro que vem, bêbado de ambrosia,  
(Idem, p. 221)

As tardes de Setembro, as tardes de veludo.  
(lb. idem, p. 222)

Ao se examinar os títulos dos poemas que compõem as obras *Músicas* (51 poemas); *Ilusão* (102 poemas), *Setembro* (31 poemas) e *Pena de Talião* (peça teatral) pode-se verificar que, em geral, eles revelam algo importante da mensagem do texto literário, um incentivo à busca da forma semiótica neles oculta.

No poema *Vozes*, do livro *Ilusão*, o título é palavra-chave para a recordação, simbolizando o passado, a saudade dos tempos da juventude:

Ó rumor ideal! Ó ilusão secreta!  
Vozes tristes, vozes doces que me chamais  
Com a saudade cruel e a lembrança completa,  
De outro mundo, que eu perdi, não acho mais”.  
(Emiliano Pernetá, 1966, p. 36)

Emiliano Pernetá projeta um estado de alma profundo ao expressar sua angústia, comparando as vozes que ferem a alma, ao som do mar sobre “rochedos atrozes”.

Vozes bem como se quebrasse, ao longo, no mar  
Sob penhascos nus e rochedos atrozes!...”  
(Idem, p. 36)

Os títulos de modo geral acompanham a construção simbólica do autor. Títulos ligados à natureza: *Sol; No tronco de uma árvore; Iguazu; Noite; Flora; Borboleta; A Boa Estrela; Setembro; Passarinho Verde; Árvore; Ao cair da tarde; Oásis.*

Títulos que sugerem o símbolo folclórico, o mito e a religião: *Se se morre de amor!; Sub umbra; Aplaudite vulgus; Mazurka; Serenata; Férias; Ilusão (In Músicas); A cigana e a estrela; Azar; Bruxa; Cavaleiro; Damas; Embarque para Citera; Salomão; Ovídio; Canção; D. Morte; De um fauno; D. Juan; D. Juan, mas porque foi ...; Um dos sonetos de D. Juan; Outro soneto de D. Juan; Versículos de Sulamita; Súplica de um fauno; Baucis e Filemon; A fome de Erisícton; Punição do herege; Canção do Diabo; Súcubo; Adultério de Juno; Hércules; Pena de Talião; Christe, audi nos; Por Maria; Oração da manhã; Oração da noite; De como vim cair aos pés de Deus; Louvado sejas tu; Quando Jesus nasceu.*

### 6.3 - Temas - Do Paganismo à Religiosidade

A poética simbolista valoriza as manifestações metafísicas e espirituais. O homem volta-se para uma realidade subjetiva. Dentro desse contexto, Emiliano Pernetta vai em busca da essência do ser humano, sua espiritualidade, através de uma linguagem carregada de símbolos capazes de transcender o significado, apelando para os sentidos.

Os temas da Vida, do Amor, da Morte caracterizam a obra de Emiliano. A luz simbolizando a vida, o ideal (sonho, ilusão) a beleza, assim como a morte. A natureza reflete a vida interior, fornece o sol, o mar, as montanhas. O mar simboliza a fuga do real em busca do imaginário.

Muitos poemas têm a marca pagã, no culto da natureza, nos deuses greco-romanos simbolizando o ideal clássico. Outros, símbolos característicos da religião

cristã, da consciência interior, da fé inserida na realidade humana como uma instituição essencial.

Ao longo da obra de Emiliano Pernetá, os textos bíblicos, as imagens são temas sempre presentes. Inspirado nos versículos do *Cântico dos Cânticos* escreveu *Versículos de Sulamita*.

Na obra *Setembro*, estão poemas de inspiração religiosa, entre eles: *Setembro; Estâncias; Ao cair da tarde; Soneto; Christe, audi nos; De como vim cair aos pés de Deus; Louvado sejas tu; Por Maria; Oração da Manhã*. Nessa obra, estão reunidas as últimas composições do autor, onde se pode notar que ele se volta para Deus, encontrando-se através da religião.

O fenômeno religioso, portanto, surge na obra de Emiliano Pernetá em várias dimensões que vão do paganismo à religiosidade cristã.

#### 6.4 - Aplicação do Simbolismo de Emiliano Pernetá no Estudo da Semiótica no Brasil

A obra poética é um código a ser decifrado, onde signos, símbolos, mitos adquirem existência, fluem e estimulam a capacidade de percepção semiótica do indivíduo. No processo de tradução de um texto poético, a leitura semiótica exige do leitor um esforço especial à medida que as relações sígnias, associações para alcançar a profundidade da mensagem, levam-no a recorrer à interpretação de imagens.

Conforme ensinamento de Gaston Bachelard<sup>97</sup>, as figuras, signos, símbolos, etc. são elementos capazes de significar, simbolizar, construir uma realidade.

Gilbert Duran, discípulo de Bachelard, estudou o imaginário simbólico, considerando os símbolos como signos especiais que se materializam nas imagens, mitos, ritos, etc.

---

<sup>97</sup> Bachelard. La poétique de l'espace. Op. cit., 1989, p. 2.

Emiliano Pernetá tem sua obra iluminada pelo sol, que é o emblema máximo; reencontra o paganismo antigo, a mitologia greco-romana (Sátiros/Faunos) e a céltica (Silfos); dá uma dimensão órfica<sup>98</sup> a vários poemas. Simboliza as mulheres ora como santas (Maria, a Virgem), como flores (de luz, lírios, do campo), Messalinas, satânicas (Súcubo; Sulamitas). Enfatiza o mito (D. Juan, D. Rodrigo); o religioso; o sagrado e o profano.

A obra poética de Emiliano foi estudada sob o ponto de vista da liberação da forma semiótica nela oculta, através da leitura, interpretação e organização no universo poético, entre símbolos e imagens intertextuais; da busca pela maneira peculiar de expressão, o modo que o artista recria a realidade, mostra sua marca.

A leitura, a interpretação do universo semiótico da poesia de Emiliano têm grande importância na decodificação dos fatos culturais definidores da semiose (processo de produção da significação) da obra em sua totalidade.

O Simbolismo de Emiliano Pernetá é singular. A semioticidade comparece na relação de simbolização, no domínio do simbólico, no real e no imaginário, enfim, na própria *psique* de artista. É paradigma, é exemplo que pode incentivar outras pesquisas semióticas em nosso meio.

---

<sup>98</sup> Satiros (Mit.) Deus dos bosques e das florestas, na mitologia grega, correspondente ao Fauno da mitologia romana. Dicionário da Língua Portuguesa, Antonio Olinto. Op. cit. 2001. Silfo (Mit.) Gênio do ar, na mitologia céltica e germânica da Idade Média. Órficas: festas em honra de Baco, celebradas nas confrarias órficas. Dicionário da Língua Portuguesa. Silveira Bueno, op. cit., 1969.

## 7 - CONCLUSÃO

Este trabalho teve como fundamento o estudo do texto poético de Emiliano Pernetá em seu investimento semiol3gico. Como objeto a 3tica da significa33o do poeta, a partir dos c3digos por ele estruturados, sua vis3o do mundo e seu universo.

A semiologia do discurso poético de Emiliano Pernetá est3 nos n3cleos tem3ticos essenciais, no imagin3rio, na *pr3xis* natural de criar, onde os universos de significa33o da obra s3o ricos e variados, os s3mbolos s3o formas de expressar mitos, utopias e ideologias. O autor explora as m3ltiplas possibilidades dos signos, joga com o real, o imagin3rio e o simb3lico; produz uma poesia peculiar que estimula o trabalho interpretativo no leitor.

A constru33o simb3lica estudada a partir da simbologia da natureza, do folclore, do mito e da religi3o evidenciou as singularidades da obra.

A presen3a da natureza, o simbolismo do Sol, a luminosidade, a cor local, o s3mbolo da terra e a express3o ling33stica, d3o 3 arte de Emiliano Pernetá um acento pr3prio, diferente do panorama geral do Simbolismo.

Sua obra apresenta, na concep33o, uma vis3o particular do mundo f3sico e espiritual, projetando uma problem3tica vivencial, rica em filosofia e valor humano aliada 3 identifica33o com a natureza e a um erotismo sensual. Sob o aspecto religioso vai do paganismo 3 religiosidade crist3. H3 um interesse de mostrar o homem, sua vida, sonhos, amores e conflitos interiores.

À importância lingüística liga-se a beleza artística, estilística e a atualidade da obra: Emiliano escreve de modo vivo, natural, numa linguagem original, autêntica, que reveste a expressão poética de aspectos modernos. Sua obra poética inscreve-se na Literatura Brasileira como uma das mais belas e exemplares.

## 8 – BIBLIOGRAFIA

### 8.1 – Fonte Primária

- 1 - PERNETA, Emiliano David. **Ilusão e outros poemas**. Org. por Tasso da Silveira. Rio de Janeiro: GRD, 1966.
- 2 - \_\_\_\_\_. **Ilusão e outros poemas**. Org. por Cassiana Lacerda Carollo. Curitiba: Prefeitura Municipal, 1996.
- 3 - \_\_\_\_\_. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945. 2 v. (Coleção Grandes Poetas do Brasil).
- 4 - \_\_\_\_\_. **Poesia**. Org. por Andrade Muricy. São Paulo: Agir, 1960.

## 8.2 – Obras Gerais

- 1 – ALMEIDA, Renato. **A inteligência do folclore**. Rio de Janeiro: Americana, 1974.
- 2 - AMORA, Antonio Soares. **História da literatura brasileira: (Séc. XVI – XX)**. São Paulo: Saraiva, 1958.
- 3 - \_\_\_\_\_. **Teoria da literatura**. São Paulo: Clássico-Científica, 1967.
- 4 - ARISTÓTELES, **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- 5 -ATAÍDE, Vicente. **Literatura da língua portuguesa**. Curitiba: Curso Universitário, 1969.
- 6 - AUGRAS, Monique. **A dimensão simbólica**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- 7 - AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Campinas: Unicamp, 1998.
- 8 – BACHELARD, G. **La poétique de l'espace**. Paris: PUF/Quadrige, 1989.
- 9 -BACK, Eurico e MATTOS, Geraldo. **Gramática construtural da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1972, 2v.
- 10 - BALAKIAN, Anna. **O simbolismo**. Trad. José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- 11 – BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. Paris: Klincksiech, 1951.
- 12 - \_\_\_\_\_. **El lenguaje y la vida**. Trad. de Amado Alonso. Buenos Aires: Losada, 1967.

- 13 – BARROS, Lícia M. Senna Borges de. **Ilusão – cadinho de emoções várias do poeta Emiliano**. Salvador: UFBA, 1983.
- 14 - BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1988.
- 15 - \_\_\_\_\_. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difel, 1982.
- 16 – BASTIDE, Roger. **Sociologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Anambi, 1959.
- 17 – BAUDELAIRE, Charles Pierre. **Les fleurs du mal**. Paris: Garnier Frères, 1949.
- 18 - BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- 19 - \_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- 20 – BOTELHO, Pero de. **Poética: ontologia da obra de arte**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
- 21 – BUENO, Jaime Ferreira. **Aspectos da poética de Antonio Gedeão**. Dissertação de mestrado. Curitiba: PUC-PR, 1979.
- 22 – BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Edições Paulinas, 1970.
- 23 - BINI, Fernando Antonio Fontoura. **Semiótica da arte – A propósito de uma semiótica da pintura**. Dissertação de mestrado. PUC-PR. 1984.

- 24– BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.
- 25 - BURKE, Kenneth. **Teoria da forma literária**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.
- 26 -CAROLLO, Cassiana Lacerda. **Decadentismo e simbolismo no Brasil: Crítica e poética**. Brasília: INL, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1990, 2 v.
- 27 – CASTAGNINO, Raul H. **Análise literária – introdução metodológica a uma estilística integral**. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1971.
- 28 – CASTORIADIS, C.A. **Instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 29 – CASSIRER, Ernest. **Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- 30 - \_\_\_\_\_. **Filosofia de las formas simbólicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1971. V.1.
- 31 - \_\_\_\_\_. **The philosophy of symbolic forms**. London: Yale University Press, 1974. V. 2.
- 32 – CERVO, A . L. e BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: MacGraw-Hill, 1983.
- 33 – CHADWICK, Charles. **O simbolismo**. Trad. Maria Leonor de Castro Telles. Lisboa: Lysia, 1975.

- 34 – CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- 35 – CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Barcelona: Labor, 1969.
- 36 - CHEVALIER, Jean *et al.* **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva (*et al.*). 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1992.
- 37 – CHOCIAY, Rogério. **Teoria do verso**. São Paulo: McGraw-Hill, 1974.
- 38 – COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. Trad. Álvaro Lorencini *et al.* São Paulo: Cultrix, 1974.
- 39 – COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: simbolismo, impressionismo, transição**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.
- 40 – DAICHES, David. **Critical approaches to literature**. London: Longman, 1956.
- 41 – DELAS, Daniel e FILLIOLET, Jacques. **Linguística e poética**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cultrix, 1975.
- 42 – Dicionário da Língua Portuguesa – Silveira Bueno. Rio de Janeiro: MEC, 1970.
- 43 - Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- 44 – Dicionário da língua portuguesa – Antonio Olinto. São Paulo: Moderna, 2001.
- 45 - Dicionário escolar francês-português/português-francês. Roberto Alvim Correia e Sary Hauser Steinberg. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

- 46– DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. **Dicionário das ciências da linguagem.** Trad. Antonio José Massano *et al.* Lisboa: Dom Quixote, 1972.
- 47 – DUFFRENNE, Mikel. **O poético.** Trad. Luiz Artur Nunes, *et al.* Porto Alegre: Globo, 1969.
- 48– DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.** Lisboa: Presença, 1989.
- 49 - \_\_\_\_\_. **A imaginação simbólica.** Trad. Liliane Fittipaldi. São Paulo: Cultrix, 1988.
- 50 – ECO, Umberto. **Semiotics and the philosophy of language.** Indiana: Indiana University, 1986.
- 51 - \_\_\_\_\_. **A mensagem estética.** In: \_\_\_\_\_. **A estrutura ausente. Introdução à pesquisa semiológica.** Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- 52 – ELIADE, Mircea. **Aspects du mythe.** Paris: Gallimard, 1963.
- 53 - \_\_\_\_\_. **Le sacré et le profane.** Paris: Gallimard, 1965.
- 54 - \_\_\_\_\_. **Mito e realidade.** Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- 55 – ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Encyclopedia Britannica, 1987.
- 56 – ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil, 1986.

- 57 – FERGUSON, George. **Signs and symbols in christian art**. New York: Oxford, 1979.
- 58 – FUJYAMA. Y. **Noções de literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1968.
- 59 – GOMES, Álvaro Cardoso. **A estética simbolista**. São Paulo: Ática, 1994.
- 60 – GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica e ciências sociais**. Trad. Álvaro Lorencini *et al.* São Paulo: Cultrix, 1981.
- 61 - \_\_\_\_\_. **Semiótica do discurso científico. Da modalidade**. Trad. Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difel, 1976.
- 62 – GREIMAS, A. J. e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu D. Lima. São Paulo: Cultrix, s/d.
- 63 – GREIMAS, *et. al.* **Ensaio de semiótica poética**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.
- 64 – GUIRAUD, Pierre. **A estilística**. Trad. Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- 65 – HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: L & PM, 1987.
- 66 – JUNG, Carl G. **El ombre y sus simbolos**. Madrid: Aguilar, 1974.
- 67 – KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- 68 – LEFEBVE, Maurice-Jean. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1975.

- 69 – LEONEL FRANÇA S.J. P<sup>o</sup>. **Noções de história da Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1970.
- 70 – LITTLEJOHN, Stephen W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- 71 – LEVIN, Samuel R. **Estruturas lingüísticas em poesia**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/USP, 1975.
- 72 – LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- 73 – MARTINO, Pierre. **Parnasse et symbolisme**. Paris: Armand Colin, 1970.
- 74 – MATTOS, Geraldo. **Estilística da língua portuguesa**. Curitiba: Spell, 1969.
- 75 - \_\_\_\_\_. **A palavra e o gesto: inter-relacionamento semiótico**. In anais do primeiro colóquio de Semiótica. São Paulo: Loyola, 1980.
- 76 – MENDES, Antonio Celso. **Os símbolos e a realidade**. Curitiba: PUC, 2001.
- 77 -MENDONÇA, Gilberto. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- 78 – MICHAUD, Guy. **Message poetique du symbolisme**. Paris: Nizet, 1954.
- 79 – MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Introdução à problemática da literatura**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- 80 - \_\_\_\_\_. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- 81 - \_\_\_\_\_. **Literatura Brasileira. Simbolismo**. São Paulo: Cultrix, 1969.

- 82 – MONDIN, Battista. **Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, autores, obras.** São Paulo: Cortez, 1980.
- 83 – MONTES, Hugo. **Ensaio estilísticos.** Madrid: Gredos, 1975.
- 84 – MORRIS, Charles W. **Fundamentos da teoria dos signos.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1976.
- 85 – MÜLLER, Silvia Marianne. **O símbolo folclórico e cristão nos contos de Katherine Anne Porter.** Dissertação de mestrado. PUC-PR, 1980.
- 86 – OLIVEIRA, Márcio. **Raízes epistemológicas da noção de imaginário em Gilbert Durand.** Revista de ciências humanas, nº 5. Curitiba: UFPR, 1997.
- 87 – PAIS, Cidmar Teodoro *et al.* **Manual de lingüística.** São Paulo: Vozes, 1979.
- 88 – PIERCE, Charles Sanders. **Escritos coligidos.** Os Pensadores. XXXVI. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- 89 - \_\_\_\_\_. **Semiótica e filosofia.** São Paulo: Cultrix, 1972.
- 90 – PILOTTO, Erasmo. **Emiliano.** Curitiba: Gerpa, 1945.
- 91 – PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura.** Rio de Janeiro: Linceu, 1969.
- 92 – RAMOS, Nelson Luís. **Dos campos léxicos aos campos temáticos na poesia de Emiliano Pernetá.** Dissertação de mestrado. UNESP. São José do Rio Preto, 1995.
- 93 – RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Poesia simbolista: antologia.** São Paulo: Melhoramentos, 1965.

- 94 – RECTOR, Mônica. **Para ler Greimas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- 95 – REIS, Carlos. **Técnicas de análise textual**. Coimbra: Almedina, 1976.
- 96 – RIBEIRO, João. **O folclore**. Rio de Janeiro: Simões, 1965.
- 97 – RIFFATERRE, Michael. **Semiotic of poetry**. London: Methuen, 1980.
- 98 - \_\_\_\_\_. **Estilística estrutural**. Trad. Arnichand & Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1973.
- 99 – SANCHES, Carlos Alberto. **Literatura portuguesa e brasileira**. Curitiba: Camões, s/d.
- 100 – SANTAELLA, Maria Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- 101– SANTOS, José Nicolau dos. **Emiliano Pernetá**. UFPR. Curitiba, 1982.
- 102 – SAUSURRE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Trad. Antonio Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 1974.
- 103 – SPITZER, Leo. **Lingüística e história literária**. Madrid, Gredos, 1968.
- 104 – STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- 105 – TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1969.
- 106 – TERRACINI, Aron Benvenuto. **Análise stilística**. Milano: Feltrinelli Editore, 1966.

- 107 – TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira**. São Paulo: Moderna, 1983.
- 108 – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para a apresentação de documentos científicos**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.
- 109 – VITOR, Nestor. **Obra crítica de Nestor Vitor**. Rio de Janeiro: INL/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. vol. 3.
- 110 – VOSSLER, Karl. **Filosofia del language**. Trad. Alonso & Ltda. Buenos Aires: Lousada, 1957.
- 111 – VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- 112 – WELLEK, René e WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, 1971.
- 113 - \_\_\_\_\_. **História da crítica moderna: 1750-1950**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: EdUSP, 1972.